Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academico

Director e proprietario
Ramada Curto

Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

N.º 1 | COIMBRA — Sabbado, 5 de Dezembro de 1908 | ANNO 1.º

GHE-151

Duas palavras

Não são um programma as linhas que se seguem.

A divisa que adoptamos para este semanario, resume em si, um conjuncto d'affirmações e de principios. Vimos «pela Patria e pela Republica». Por uma e outra luctaremos, desvaliosamente decerto, mas com toda a sinceridade das nossas convicções republicanas e da nossa fé ardente de patriotas.

Na hora incerta, hora de crise que o paiz atravessa, quando não fosse pela propria força das convicções e das ideias que nos sentissemos impelidos á lucta, a ella iriamos sem duvida, por um instincto natural de defeza, a revolta de quem ao ver-se ameaçado d'um perigo que a todos vae subverter, abandona um commodismo facil e inepto e contribue com o seu esforço individual para a salvação commum.

E é este em Portugal, o caso. Mil perigos nos rodeiam, todos formidaveis, temerosos, apremiantes — resultante natural de mil erros, mil crimes, mil infamias que tem sido a obra do regimen na sua lucta contra a nação e de que ella, — a victima, — terá de pagar as consequencias se não se defender com energia e se redimir definitivamente, implantada a Republica.

Hoje como hontem, como sempre, estamos d'isso certos, a phrase «o mal é do regimen» exprime uma grande, uma ineluctavel verdade!

Nunca mesmo, essa verdade resaltou tão clara e tão nitida aos olhos de toda a gente que queira «vêr sinceramente» e de tal não esteja impedida por alguma irremediavel deformação da inteligencia ou do caracter.

«O mal é do regimen» demonstra-o a historia que narra as desgraças que tem caido sobre o paiz no passado, o que o mesmo é, apontar de cada vez que surge uma calamidade nova, um novo crime que lhe deu origem — crime de rei, crime de Bragança.

«O mal é do regimen» dizem-no os factos comtemporaneos de nós todos, crimes de toda a ordem de que vivem ainda muitos dos auctores e que nos levaram á situação desesperada em que nos encontramos, voragem tremenda em que, se a nação o não impedir, se subverterá a independencia de todos nós.

E não nos digam que a questão é d'homens e não de principios. O disparate é facil e de barata sciencia a affirmação dogmatica.

Os principios, se não pódem tudo, pódem muito. Quando, atravez de gerações, fixados pela transmissão hereditaria no inconsciente das raças e dos povos, transmudados em sentimentos, elles são o mais poderoso factor do progresso e da civilisação.

Nós todos hoje vivemos á sombra dos principios que a França de 89, formidavelmente proclamou para libertação e resgate dos homens. Não ha absurdo theorico derrubado pela Razão ou pela Sciencia que não se traduza n'uma conquista a mais para a felicidade dos homens sobre a terra.

Mas os maus principios incarnando em maus homens são a ruina, a desgraça dos povos. E' o nosso caso.

Precisamos varrer um absurdo e desinfectar uma montureira. O absurdo relegado para as curiosidades historicas, os homens encarcerados em Penitenciarias!

E depois feita a grande Republica nacional, onde caibam todos os portuguezes, unidos pela mesma aspiração de felicidade commum, o paiz começará a sua obra de integração no vasto movimento da civilisação contemporanea nas ideias e nos factos, de que por culpa da monarchia se encontra lamentavelmente arredado.

Para ajudar essa obra nós estaremos, humilde mas honestamente no nosso posto depois como agora, — depois para a obra da Paz, como hoje para a obra de Guerra e de Revolta.

Revolta constante contra os prejuizos, os absurdos dos principios e contra os crimes, as vilezas dos homens — revolta, d'onde sairemos vencedores, pela Revolução definitiva.

COISAS & COISOS

Lamentavel... mas sincero

O Orpheon está decadente. Era de prevêr. Wagner e Lamego de braço dado..... impossivel.

Wagner é um revolucionario, um genio. Lamego é regenerador, é progressista. Arte com presunto.. ai filhos! que porcaria!

+

Legião azul

No passado: um bando de heroes destemidos e galantes, a quem Portugal deve tudo o que foi.

No presente: um bando de pardaes anonymos e gôrdos, a quem Portugal deve tudo o que é.

No passado: Vasco da Gama.

No presente: Vasco... da Silva.

+

Lei das compensações

A China assimilou os nossos dominios em Macau. Portugal assimilou a civilisação da China.

Não ha razão para conflictos.

+

Do «Seculo»

«Os estudantes da America do Sul, querendo prestar a sua homenagem a Guerra Junqueiro, convidaram-no a visitar os seus paizes.....»

Quando será convidado o Conselheiro Espregueira?

+

Versão clara d'uns versos escuros

El-Rei é moço! é lindo
E ao vel-o
Sentem meus olhos um prazer infindo
Eriça-se-me o pello!!

Deus te perdôe, filho.

+

Mariseo

Dizem-nos que numa festa que ha dias houve na *catholica* foram servidos, entre outros acepipes, pasteis de marisco.

Com que então, marisco?...

Pobre sexto mandamento! Estás aqui estás letra morta...

+

Nem depois de morto...

Um lente ha dias fallecido prohibiu em testamento que por sua morte houvesse dobre de sinos.

Um doutor das nossas relações commentava:

— Coitado, embirrava tanto com os sinos que nem depois de morto os quiz ouvir!

X.

MIUDEZAS...

Ja oito dias antes, ellas, as tres irmãs, andavam n'uma roda viva, em preparativos para a festa.

Anciavam por vêl-o de perto, pois que só tinham podido admirar-lhe a face imberbe e feminina em oleographias e bilhetes postaes.

Como era lindo, coitadinho! E tão infeliz, o pobre anjo! Canalha de republicanos, que não se commoviam com tanta belleza e tanta mocidade! E eram longas horas contemplando-lhe o retrato, commentando-o, beijando-o vorazmente, n'um cio de gatas, advinhando o Janeiro.

No quarto, já recolhidas, ficavam a conversar, de leito para leito, á luz mortiça e tremula da lamparina, — e os seus grandes corpos brancos de femeas fortes, tinham crispações e arrepios entre os lençoes de linho fresco. Revolviam se na cama, olhos brilhantes, uns formigueiros na pelle, a bocca secca, sem conseguir dormir.

Uma até sonhara alto accordando as irmãs:

— Manuel... « Ta bouche... »

Saccudiram-n'a:

— Faz-te mal filha, accorda...

E ella, gemente:

— Que maldade accordarem-me... Lindo sonho...

Chegou o dia. O luxo de roupas, de perfumes, as camisas bordadas, decotadas, enquadrando em rendas os seios fortes, tumidos, muito brancos.

As meias abertas, de seda muito fina, presas ao espartilho pelas ligas côr de rosa... Um noivado!

Na sala ao ve-l'as entrar houve um murmurio. Até ao secretario tremeu o queixo...

Ellas muito côradas, olhar chispando, esperavam-n'o a elle, *os braços cheios de flores, rosas brancas e vermelhas, — menos brancas e de menos viço que as das suas faces.*

E elle entrou, lindo, radiante de mocidade, de belleza, a farda coruscante e os calções d'anta branca, moldando-lhe a perna...

Ah! os republicanos, que canalha!

— Viva!...

E uma avançou, ajoelhou diante d'elle, cobriu-o de flores e parecia não querer larga-l'o mais, enchendo-o de beijos vorazes, nas mãos, nos braços, nas botas, nos calções d'anta branca, muito justos á perna...

Soffrega! E é que o não larga... Viva!...

Depois foi a outra: a mesma scena.

O secretario batia o queixo, d'enthusiasmo. Quando veiu a terceira — que diabo! um homem, qualquer que seja a sua posição, sempre tem nervos! — elle parecia já tremulo tambem...

Um delirio! Nas tribunas algumas abanavam-se, invejosas.

— Estouvamento! — diziam.

Concorrencia! — pensavam.

Mas, á terceira, — ó definitivamente caira o queixo ao secretario!

.....

Durante a noite no quarto, á luz da lamparina bruxuleando, fatigadas, moidas, com olheiras fundas do excesso, contavam o dia...

— Beijei-o todo, todo... Um cherubim...

— Lindas mãos... mãos de fada!...

— E os calções d'anta branca tão justos á perna... E' de generalissimo, pois não é, manas?

Sherlock-Holmes.

CELEBRES... DE BORLA

O SONHO DO HEROE

E' noite. Dorme o heroe de durindana ao lado
Barrete de dormir na cabeça enterrado.
— A espada diz a gloria e o barrete é decente,
Vae bem á gravidade e decoro d'um lente
Pois ninguem usará na cama, é de supôr,
O elmo de Mambrino ou a borla de doutôr.
— Esta explicação é justa, quanto a mim,
Pois já Napoleão tambem dormia assim.
Mas em que sonha o heroe?! Que intensa e brava chama
O faz barafustar, gritar, saltar na cama?...
Que bellicas visões, que batalhas sagrentas
O fazem assoprar, trombetear das ventas?
Oiçamol-o clamar: — «A mim Guarda-Real!
Charamela, bedeis, lentes, etc. e tal!
Venham todos! A' frente vae Servulo Maria
Empregado menor cá da secretaria!
E vae o Gaio tambem p'rá ode! p'ra cantar
N'um poema, sem leitores, o que se vae passar!
Vão vocês vêr agora o que é heroicidade!
Lucto *por minha dama*, a Universidade!
Querem-lhe mal, querem matal-a esses bandidos!
Ides ver o que eu sou, meus grandes presumidos!
Que a ousaes insultar, chamar-lhe velha e ousaes
Querel-a modernisar, à dama dos meus ais!
Assim, velha como é, mas grandiosa e ovante
Alma-mater da patarata triumphante
Cheia de ratos, de sebentas, de *laracha*...
Assim é que ella é boa, assim é que é *d'escacha!*
O' Bernardino, ó Cid, ó Sidonio! Ides ver!
Soem clarins... Fallaes de sciencia! Saber lêr
E' o mal, o mal maior que temos hoje em dia
Estou farto de o dizer lá na Sociologia!
O homem é a tecla e é mais afinada
Quanto menos souber ou não sabendo nada!

* * *

Vem rompendo a manhã e veem-no accordar
— Toca p'rá aula —. Ergue-se o heroe e p'ra calmar
O bellico furor que o espirito lhe inflama
Mesmo antes de almoçar, logo ao saltar da cama
Corre á cavallariça e *zás*, para abrandal-o,
Joga o socco inglez *á teza* c'o cavallo.

Dr. Watson.

EXPEDIENTE

Todas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal, que não devolvam o 1.º numero, ficam sendo consideradas como assignantes.

A viagem de D. Manuel II

Abandonou o chefe d'estado a capital, dizendo-se que esta viagem era a «sua viagem d'instrucção».

Verdade é, porem, que á bocca — pequena os bandos monarchicos davam um outro significado ao regio passeio: um castigo imposto á cidade republicana! E entre o que ostensivamente se affirmava e o que baixinho se diz, não pode haver hesitação para quem de perto haja assistido ás farandolas e bambochatas das recepções realengas.

E mais até se pode depreender.

O rei não veiu de visita ás cidades provincianas na intenção respeitavel de instruir-se, de ver e ouvir as grandes desgraças, que affligem o povo, para ante os factos e da lição d'elles tirada, formar uma ideia clara e justa da situação. Muito pelo contrario. Para ver, o fumo das girandolas é demasiado espesso. Para ouvir, o estrondear dos morteiros e o grazinar das filarmonicas de sobejo ensurdecedor.

Veiu então a divertir-se?

Viria estadear a sua juventude sob os olhares em fogo das moçoilas sertanejas...

San Vicente lembra duas tumbas e um filho e um irmão, mesmo rei, não pode fazer seu o impiedoso mote do poeta latino — *minxi paternas cineres!*

Visto que a instruir-se não pode ter vindo e de regosijar-se a orfandade lhe não consente, motivo maior impoz a abalada de S. Magestade: conveniencias nacionaes, por ventura a premente, a instante salvação das instituições o obrigaram a abandonar a capital, mezes apenas volvidos sobre uma grande catastrofe familiar.

Consolidar as finanças?

Mas o agio cresceu.

Debellar a crise interna?

Mas inda nem em tal se pensou.

Veiu então o sr. D. Manuel a salvar as instituições.

Lisboa [illegible]da — Lisboa castigada.

O reino [illegible] cortezãos, o constante apello [illegible]*smo*, as festas d'encommenda serão acaso o elixir maravilhoso idealizado pelo *Poeta* e fermentado nas dornas da Anadia?!

Deve sêr assim.

Afalperrada a nação, reduzido o povo á ignorancia e á mizéria, a *piolheira* transformada em *gâchis*, falho o *xadrez* das malogradas eleições franquistas só um *poeta* decadente podia concebêr o fim e um fornecedor de vinhos executa-lo.

Depois do roubo, a bebedeira.

Perdido o jogo, o debóche.

Depois... o diluvio...

E o snr. José Luciano ainda ha-de conseguir que a innundação seja do *espumoso* alli da sua lavra.

Pobre paiz.

Viagem de de D. Manuel e não viagem do chefe d'estado!

Porque, apenas pertendendo salvar-se, (e nós nada temos com a medicação) a monarchia nos passou pela porta arrogante e impertinente, num ostentar de força propria, alheia á nação, d'ella divorciada, pareceu-nos vêr naquellas festas, não qualquer coisa de popular e nacional, mas o ultimo banquete d'*Impéria* cinica e maldosa desfolhando a ultima camelia vernal sobre a fronte cansada e illudida do *D. João*.

Coisas d'amantes, com que nada temos.

Quiz, a sério, fazêr-se politica.

Sendo assim, esta viajáta é uma *tournée* de propaganda dum chefe de partido, indo ao Porto fazer as eleições parochiaes, vindo a Coimbra animar um centro politico, dando saltadas a varias terras a congraçar correligionarios, harmonisar interesses, offerecêr um sino, bebêr um copo e prometter um relogio para o snr. Prior vêr as horas e rezar matinas e vesperas

***

O snr. D. Manuel que viéra instruir-se, o chéfe d'estado que voltára costas «para castigar», ao saír as portas da capital lançou para traz a pompa augusta da realeza, simbolo e encarnação duma patria e apresenta-se-nos como qualquér bom burguez desejoso de cuidar dos *seus* negocios.

Nada temos com elles.

Os seus interesses não serão jamais os nossos interesses.

Consulte os seus consocios, avalie o credito da firma.

Deste modo já não temos que fazer *politica* contra instituições desnacionalisadas, representando apenas patrimonios pessoaes

Teremos que abrir fallencia a uma casa de perdularios e prodigos cuja administração... endoideceu.

P. J.

Factos e Commentarios

Milagre Financeiro

O muito douto e romantico lente de Theologia dr. Antonio de Vasconcellos foi um dos collaboradores do numero especial que a «Correspondencia de Coimbra» dedicou á radiosa mocidade do senhor D. Manuel II no dia de sua visita a esta cidade.

Do seu poetico artigo (á ultima hora o senhor Vasconcellos saiu-nos poeta e sonhador) extraimos o seguinte.

Deus o *guarde e ampare e esclareça e guie* (refere-se ao Rei); e *assim como sua santa avó* (a Rainha Santa Isabel), *no dizer da lenda, convertia o ouro em flores para velar christãmente as suas virtudes, permitta* o *senhor que as flores que lhe vam ser offertadas se transformem em ouro...* etc.»

Fazemos nossas as palavras do senhor Dr. Vasconcellos e oxalá o milagre tenha logar, para ver se assim nos desembaraçamos, duma vez para sempre, da tremenda crise financeira que nos está levando coiro e cabelo.

Agora sim que já se explica a viagem do Rei pelas provincias, mas quer-nos parecer que S. M. faria melhor guardando-se para a primavera... a epoca das flores por excelencia...

Amador dramatico

Consta-nos que um conhecido vereador da Camara se vae dedicar á arte dramatica.

Já anda fazendo ensaios para representar o *Assassino de Macario*

Dr. Silva Gayo

Consta-nos que o mimoso poeta e diligente «Mestre de cerimonias» Dr. Silva Gayo vae ser agraciado com a commenda da Conceição, pelos muitos e fatigantes serviços prestados, durante a visita de S. M. ao *primeiro estabelecimento scientifico* do paiz.

Nada mais justo. Na verdade, foi dum zelo incansavel e custa a crer como a sua delicada organisação d'artista, conseguiu resistir a tantos trabalhos e... encontrões.

Mas a *crença* ás vezes faz milagres...

Bom velleiro

A *todo o panno* vem sulcando as brandas ondas do Mondego, timoneado por Feliciano Santos e Pinto de Figueiredo.

Trouxe-o vento de feição e em boa maré fundeou no nosso porto. Pela armação e vellame agradou-nos á vista. O carregamento na generalidade achamos vendavel.

Carga nova, ainda que em concorrencia com os nossos artigos, encontram neste mercado toda a aceitação.

Não vem consignado a nenhum conceituado commerciante.

Faz negocio por conta propria.

Quarenta e oito kilos a 100 réis. Mais em conta que os 16 do avariado genero Colonial da firma Dr. Ulrich.

Todas as facilidades nas nossas alfandegas.

Dois conceitos

Pedimos licença á redacção da *Correspondencia de Coimbra* para arquivarmos nas nossas colunas dois profundos conceitos filosoficos que foram publicados no seu numero de 20 de novembro.

Gostamos de ser justos para com os adversarios e não costumamos esquivar-nos a fazer-lhes elogios quando os mereçam.

Primeiro conceito:

«Reinar pelo nascimento é muito; mais é reinar pelo coração, e sobre os corações dos subditos assentar e firmar a realeza hereditaria».

Dr. Costa Allemão.

Segundo conceito:

«Nas forças productivas dum paiz reside a condição basilar da sua prosperidade.»

Conde de Felgueiras

(Dr. Assis Teixeira)

Scenas de pugilato

Contra o que se esperava não houve, que nos conste, nenhuma nas ultimas 24 horas.

Rectificação

Os sueltos *Marisco* e *nem depois de morto* sahiram por engano de paginação na secção *Coisas e Coisos*, a que não pertercem.

Dr. Alberto Costa

Ainda não ha um mez que elle se suicidou, o nosso *Pad!*

Quanta dor e amargura, que profundo misterio de sofrimento, quanta desillusão, para fazer da grande gargalhada estridula e continua do *Pad* o ultimo ai! de agonia abafado pela detonação dum rewolver.

Suicidou-se o *Pad!*

Ainda nos echoa aos ouvidos este grito que uns amigos nos dispararam, a queima-roupa, alli á entrada dos *Geraes*.

Uma impressão de assombro e de pasmo sacudiu-nos os nervos. E era verdade o *Pad* suicidara-se.

Quanta dôr e amargura, que profundo misterio!.....

Nós que o conhecemos cheio de força e d'esperanças, rindo amplamente numa irreverencia de travesso...

E suicidou-se o *Pad!*

Pobre amigo.

Oxalá que as nossas illusões não sejam como as tuas — desillusões.

No grande amigo, que perdemos, no grande patriota e revolucionario foi-se da sociedade portuguêsa uma parcella da pouca mocidade que nos resta.

A esses, aos que ficaram, um grande abraço de solidariedade pelo luto e pela dôr commum.

Autonomia universitaria

Quando ha dias o senhor D. Manuel II visitou a sua *protegida* Universidade agradeceu-lhe esta pela bocca do Reitor as concessões que já lhe havia feito o *seu* governo, e, ao mesmo tempo, foi-o prevenindo de que em breve lhe seria apresentada uma representação pedindo uma ampla autonomia.

Ha muito se dizia por ahi que no cerebro sagrado e fecundo da Minerva universitaria andava em elaboração esta ideia que, a ter realisação, será nem mais menos que o inicio d'uma era nova para a instrucção superior.

Que alcançava a dita autonomia ficará a Europa deslumbrada com a reforma d'ensino que se projecta fazer vingar, e que germina já nas salas das congregações e dos claustros plenos.

Velhos e novos, ferrenhos partidarios da reforma pombalina ou adeptos dos cursos livres, praxistas sentimentaes que não se resignarão jamais a abandonar as cerimonias espetaculosas da *Sala dos Capêlos* ou *impios* mestres sem respeito por estas velharias, todos se aprestam para esse combate decisivo e de que ha-de sair a nova grilheta ou a libertação para a mocidade portuguesa.

Vae uma azáfama desusada por essas bibliotecas, deitam-se abaixo estantes poeirentas, folheam-se calhamaços que foram de extinctos conventos, e alguns, mais ousados, atrevem-se a abrir os livros e revistas vindos d'alem fronteira, de hereticos paizes.

Oh! a autonomia universitaria!

Oh! a reforma d'ensino feita pelos lentes da Universidade!

Como nós concordariamos plenamente, como nos prestariamos a ajudar com as nossas poucas forças tam alevantada ideia, se não soubessemos o que é a grande maioria dos que para ahí se dam pomposamente e ridiculamente o nome de *professores*, se as nossas ilusões sobre os seus sentimentos e desejos em fazer alguma coisa util em proveito da instrução e do paiz não tivessem caido definitivamente quando teve logar essa desgraçada questão academica, miseravel nos resultados mas cheia de nobreza e civismo nos seus intuitos.

Quando nos revoltámos contra a injustiça feita a um nosso camarada, e altivamente lhes mostrámos o nosso desagrado por tal facto, elles, os professores, tiveram uma resposta — a expulsão d'alguns que pelo seu carater integro e pela sua inteligencia inamoldavel á velha sciencia universitaria, eram mal vistos por lentes e archeiros.

«Apliquem-se as leis dos seculos passados» disseram os professores de direito do seculo vinte. Não admira. Aos seus barbaros ouvidos não tinham chegado ainda os ecos das greves escolares, feitas nos outros paizes, e a maneira humana e justa de resolver esses conflictos, sem quebra de dignidade nem para os professores, nem para os alumnos. E se alguma indiscrição de estudioso os levou ao seu conhecimento vá de chamar-lhe *transigencia cobarde* ou, por favor, enfaticamente declaral-as *inadaptaveis* ao nosso meio, muito atrazado ainda...

Como resposta ás reformas de ensino que reclamamos para acabar de vez com essa falsa orientação pedagogica que para ahi se exibe, deformando inteligencias e abafando iniciativas, deu-nos a Universidade o tristissimo espetaculo de, com a sancção das faculdades de Direito e Theologia e sem um forte protesto das outras, consentir que se fizessem exames sem que tivesse havido a necessaria preparação, só por que ao governo convinha resolver a situação embaraçosa em que o havia colocado a honesta atitude dum grupo de rapazes.

E sam estes professores, que não sabem fazer-se respeitar pela sua inteligencia e pelo seu modo de proceder, e que nos ensinaram a não querer saber da dignidade profissional, os que reclamam agora para si o direito a, no futuro, serem elles os arbitros das questões de ensino da Universidade, a serem d'ora avante e por completo os educadores e orientadores da mocidade.

Não queremos, comtudo, dizer que no meio desses autoritarios e retrogrados mestres, não haja alguns que cheios de boa vontade e bons intuitos procurem fazer alguma coisa sã. Mas esses sam tam poucos, causam tanta surpreza e panico no meio dos seus companheiros de mister quando ousam falhar-lhes das suas aspirações!...

Se a Universidade fosse encarregada de elaborar livremente um plano de estudos, essa meia duzia de vozes seria fatalmente abafada pelo espirito cathedratico e clerical, que é o do grande numero.

Seria uma calamidade!

E' preciso, porem, não confundir este nosso modo de ver com o dos que sistematicamente sam contra a autonomia das escolas superiores.

Queremos deixar desenvolver todas as iniciativas individuaes e collectivas, somos partidarios duma ampla e perfeita autonomia, mas não podemos consentir que á sombra d'ella medrem instituições prejudiciaes ao grande numero dos portuguezes.

A Universidade de Coimbra não é uma Universidade.

Para que o seja faltam-lhe, acima de tudo, bons professores. Só quando os possuir, o que só será possivel depois de se reformarem todos os nulos e incapazes que por lá vegetam e se fizer a escolha dos novos dum modo diverso do que se tem feito até hoje, só então a Universidade será digna desse nome e a autonomia impor-se-ha como uma necessidade.

Até lá, não.

Francino Coraro

Estudantes do Porto

Foi ha poucos dias destribuido naquella cidade um manifesto dos alumnos das Escolas protestando contra as informações tendenciosas, que certa imprensa espalhou, a respeito do monarchismo da academia portuense.

Firmam-no 432 assinaturas.

Apoz do avultado numero de *rebeldes*, o seu desassombro e a intrepidez que marcam e definem caractéres, dam-nos a consolação de nos não vermos sós nesta luta que vimos travando com os preconceitos, com a baixeza e servilismo de uma mocidade velha e burguezinha.

Os nossos camaradas do Porto, como ha pouco os de Lisboa, começam a organisar a campanha que nos ha-de levar ao resurgimento das tradicionais e sempre vivas energias do povo portuguez.

Bem hajam os que no futuro vêem qualquer coisa de maior e mais nobre que a banca e a manga d'alpaca das secretarias ministeriais.

Comnosco contem, como nós desde já com elles contamos para a obra commum.

Segue o manifesto:

«Declaração ao publico

Grande parte da imprensa do paiz, por insufficiencias de informação ou propositos de má-fé, tem-se permittido annunciar que a Academia do Porto adherira total e incondicionalmente a todas as manifestações realengas feitas nesta cidade, desde a rasteira marcha *aux flambeaux* até ás apotheoticas viagens — de borla.

Tal não succedeu. Muito dos membros da Academia conservaram-se de todo alheios a essas exhibições, desconhecendo tanto o sacrificio de passear os archotes do lealismo monarchista como as commodidades das excursões gratuitas.

Não pretendemos averiguar com minucia do valor de taes demonstrações, que nem o tempo vae para excessos de rhetorica. Poucas palavras, pois.

Queremos, tão sómente, que o nosso silencio não seja tomado á conta de cumplicidade, sendo julgados comparsas ou espectadores benevolos de toda essa farçada.

Para nós outros — que temos as responsabilidades da instrucção — tudo que seja exaltar o Poder, devido unicamente aos favores do accaso, ou glorificar individualidades, que se não tenham imposto por um nobre esforço, constitue um pessimo ensinamento aos que aprendem com os nossos actos, uma injustiça e uma offensa para os que vivem do trabalho honesto, e um desmentido ao proprio esforço e a todo o proposito de uma conducta digna.

Quando, como em presente, as mais

AS COLUNAS DESTE JORNAL FICAM Á DISPOSIÇÃO DE TODOS OS ESTUDANTES REPUBLICANOS

randiosas aspirações humanas — emagas por erros e tyrannias do Passado — omeçam de erguer-se vingadoramente, odos aquelles, que as não apregoam ou, inda mais, as combatem não tendo a gnorancia a desculpa-los, irão fundamentar o seu procedimento em deficiencias de cerebro ou em falhas de caracter.

Não ha portanto illusões possiveis sobre os festeiros em questão. Se algum — o que é duvidoso — andou de boa-fé por um lamentavel concurso de iguorancia e inepcia, o mesmo se não dá com a grande maioria. Estes são individuos que, incapazes de affirmar a sua energia, se amoldam ás mais torpes exigencias do meio; são consciencias mercenarias do estomago, que prostituem a fome em vez de lhe respeitar os sagrados direitos; ou peor, são os que procuram uma celebridade facil, atrelando-se a todos os carros ee triumpho e enxovalhando-se progressivamente como esquinas sujas onde qualquer successo de acaso póde pregar o seu cartaz sobre os farrapos das affirmações antigas.

E, afim de que ninguem pense que acamaradamos com semelhantes personagens, a que decerto cabem futuras responsabilidades, é que nos servimos d'este meio para desmentir o que a grande parte da imprensa tem dito da Academia do Porto e que, sobre ser contrario á verdade, é altamente offensivo do nosso brio.»

ENSAIOS DE CRÍTICA

I

O musico revela-nos a essencia intima do mundo, faz-se intérprete da mais profunda sabedoria, apesar de falar uma lingua que a razão não comprehende.

Schopenhauer.

Falar de musica em terra onde só ha a dos sinos é realmente tarefa árdua.

Porque em Coimbra não ha, ainda não houve, acontecimento musical sobre que possa incidir a crítica; e, logicamente, nunca haverá, pois uma terra em que tudo é mau — ou antes, em que tudo é péssimo —, desde as mulheres até á Universidade (o primeiro estabelecimento, etc.), não se compadecerá certamente com qualquer manifestação do Bello e muito menos com a Suprema Arte.

E não é só em Coimbra que essa falta se faz sentir; infelizmente, em todo Portugal, é a Arte em geral bugiganga que ninguem desce a considerar.

E', pois, como diziamos, árdua tarefa, falar de musica em terra tam pobre della.

Mas, já que não ha qualquer acontecimento musical passado a criticar, trataremos dum acontecimento musical futuro, de capital importancia, no mundo artistico.

Referimo-nos ás proximas representações, em S. Carlos, de *Der Ring des Nibelungen*, o primeiro *Bühnenfestspiel* de Ricardo Wagner.

Que de esforços, de arrojo, representa entre nós tal empreza, é facil calcular.

Basta dizer-se que nunca, fóra da Allemanha, se conseguiu representar integralmente a Trilogia com prólogo; e a empreza de S. Carlos dáno-la na lingua original, com cantores allemães, sob a direcção de Beidler, o regente do próprio *Bühnenfestspielhaus* de Bayreuth!

Oxalá que isto não seja facto único, e que nos subsequentes annos, os emprezarios de S. Carlos continuem a proporcionar ao ainda barbaro publico portuguez audições de verdadeira Arte, em vez das pretenciosas cantigas do sr. Puccini e quejandos.

Mas entremos no assumpto.

* * *

E' preconceito corrente dizer-se que a obra de Wagner só é comprehensivel para quem tenha uma preparação especial, um como que curso de Arte wagneriana; e o ouvinte, que entra num theatro disposto a não comprehender o que vai ouvir, certamente não comprehenderá. Assim, é frequente dizerem os espectadores, á saida duma itanializada representação das mais simples peças de Wagner, Tannhäuser ou Lohengrin:

—Não percebi nada. Que barulho!...

Ora, todo aquelle que vai a uma representação dessas, com fim differente do de mostrar o córte da casaca ou o brilho do collarinho, e que portanto vai *ouvir*, com certeza *sente*, embora não tenham preparação alguma; porque *sentir* é emocionar-se, e, para que um homem se emocione — qualquer que seja a causa dessa emoção — não necessita de estudos prévios nem de leitura de tratados.

Por conseguinte, aquelles que não se emocianam perante uma obra de Arte tam grande como a de Wagner, ou não a ouviram, ou só teem de homem o aspecto exterior.

O goso esthético é uma alegria admirativa. A alegria resulta do estimulo e da recrudescencia da energia e da actividade cerebrais, que em nós produz a intensidade ou a multiplicidade das impressões ou impulsões harmónicas que nos approximam mais ou menos daquillo que concebemos como limite ideal da perfeição possivel na ordem de coisas a que se liga a obra de arte considerada.

O sentimento de admiração, que a esta alegria se junta, explica-se por aquella approximação duma perfeição que não é para nós senão um ideal e sobretudo pelo espanto sympathico provocado pela constatação dos diversos meritos do artista cuja personalidade se reflecte na sua obra. Quanto mais numerosas, variadas, intensas e harmonicas forem estas impressões, tanto mais completo e profundo será o goso que nos causa.

Ora a presença duma obra de arte representa para o homem a introducção dum novo elemento capaz de produzir novas impressões.

E assim, o homem, qualquer que elle seja, como ser impressionavel, receberá essas impressões — *sentirá.*

Negar essa impressão, relativamente á obra de Wagner, é negar a Arte dessa obra, o que equivaleria a negar a luz ao sol.

Mas sera isto comprehender?

Comprehenderá a obra d'arte todo aquelle que a sente?

Apesar das muitas opiniões que tal affirmam, parece-nos que não, como procuraremos demonstrar.

Triplus.

Coimbra, I-XII-VIII.

Movimento Republicano

Centro Eleitoral José Falcão

Com enorme concorrencia realizou-se no dia 1, neste Centro a abertura solemne da aula noturna pelo methodo João de Deus que vae ser alli regida pelo snr. Antonio de Souza.

Secretariado pelos snr.s Adolpho Sousa e João Gomes Junior, presidiu o nosso camarada de redacção Mario Malheiros que depois de fazer ligeiras considerações sobre o proficuo emprehendimento, que o centro iniciou, deu a palavra ao Sr. Floro Henriques.

Este nosso illustre correligionario, em palavra fluente e phrase bem burilada, apresentou as vantagens que ao partido republicano advem da educação do povo, que a monarchia criminosamente tem conservado na mais completa ignorancia.

Diz que o dia 1.º de dezembro escolhido para a inauguração da escola lhe faz recordar a revolução de 1640. Descreve o que foi este movimento, lamentando que se gastassem energias e se fizessem sacrificios para nos libertarmos da grilheta que nos prendia á Hespanha, acorrentando-nos voluntariamente a uma outra, muito mais pesada, — a dos Braganças.

Analisa cada um dos exemplares dessa malfadada dynastia, chegando á conclusão que tem sido elles os unicos responsaveis da situação desesperada e afflictiva em que actualmente nos encontramos.

Usa em seguida da palavra o nosso collega José Gomes que, num improviso, cheio de eloquencia e de verdade, aprecia a decadencia a que chegamos, motivada sobretudo pelo analphabetismo, cancro que deve ser destruido pelos esforços coligados de todos aquelles que luctam pela emancipação dos opprimidos.

Termina felicitando o Centro pela sua iniciativa, fazendo votos para que de cada alumno daquela escola, saia um intelligente e bem orientado revolucionario.

Comicio em Agueda

Realiza-se nesta villa, no dia 13 do corrente mez, um comicio promovido pela Commissão Municipal Republicana em que tomam parte os illustres caudilhos da democracia Dr.s Bernardino Machado, Alexandre Braga, Antonio José d'Almeida, Malva do Valle e os nossos camaradas de redacção Ramada Curto e Carneiro Franco.

Centro Republicano Academico

Convidam-se os socios deste centro a reunir hoje, 5, pelas 7 horas da noute.

O Secretario

Pestana Junior

Ridendo

Depois do almoço, na reitoria.

João, saboreando um charuto offerecido pelo rei:

— Bom charuto, meu Xenhor! De quanto é? De quanto é?

«A REVOLTA»

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... 300
Estrangeiro..... 600

Pagamento adeantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha... 30 réis
Repetições .. 20 »

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA
Thelephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes
Rua Ferreira Borges, 174
COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALYSES: succo gastrico, fézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

I FOLHETIM

Guy de Maupassant

A CONFISSÃO

Toda a população de Véziers-le-Réthel tinha assistido ao enterro do sr. Badon — Leremincé, e na memoria de todos tinham ficado as ultimas palavras do discurso do delegado da perfeitura: «era um homem de bem!»

Homem de bem tinaa elle sido em todos os actos da sua vida, nas palavras, no exemplo, no porte, no andar, no talhe da barba e no feitio dos chapeus.

Nunca dissera uma palavra que não encerrasse um exemplo, nunca dera uma esmola sem um conselho, nem estendera a mão senão com o ar de quem lançava a benção.

Tinha deixado um filho e uma filha; o filho era conselheiro geral e a filha, casada com um notario, o sr. Poirel de la Voulte, vivia opulentamente em Veziérs.

Estavam inconsolaveis com a morte do pae que estremeciam.

Logo que a cerimonia terminou entraram em casa do pae e os tres, o filho, a filha e o genro, abriram o testamento, o que só por elles devia ser feito e só depois do enterro.

Esta vontade do morto estava indicada no envolucro do testamento.

Foi o sr. Poirel de la Voulte quem abriu o papel, na sua qualidade de notario habituado a taes serviços, e, pondo a luneta, leu com a sua voz sem brilho, feita para ler minuciosamente os contractos:

— Meus filhos, meus queridos filhos, eu não dormiria com tranquillidade o eterno somno, se não vos fizesse d'além-tumulo uma confissão, a confissão d'um crime cujos remorsos me teem despedaçado a vida.

Sim, eu commetti um crime, um crime horroroso, um crime abominavel.

Tinha então vinte e seis annos e começava a minha carreira de advogado em Paris, levando a vida dos rapazes de provincia, naufargados, sem conhecidos, sem amigos, sem parentes, naquella cidade.

Tive uma amante. Muita gente se indigna com estas simples palavras «uma amante», mas ha pessoas que não podem viver sós. Eu sou uma d'ellas. A solidão enche-me de uma angustia horrivel, a solidão em casa, junto do fogão, á noite.

Parece-me então que vivo só na terra, horrivelmente só, mas cercado de perigos vagos, de coisas desconhecidas e terriveis, e o tabique que me separa do meu visinho, do visinho que eu não conheço, afasta-me d'elle como das estrellas que vejo da minha janella. Ataca-me a febre, uma febre de impaciencia e de terror, e o silencio das paredes apavora-me. E' tão profundo e tão triste o silencio do quarto onde se vive só!

Não é só o silencio á roda do corpo, é o silencio á roda da alma. e o estalar d'um movel faz-nos estremecer até ao coração porque nenhum ruido esperamos na casa silenciosa.

Quantas vezes, abatido, amedrontado por essa immobillidade muda, eu começava a fallar, a pronunciar palavras sem nexo, sem razão, para fazer barulho!

Então a minha voz parecia-me tão estranha que tambem d'ella tinha medo.

Pode haver coisa mais terrivel do que fallar só, numa casa vasia? A voz parece d'outro, uma voz desconhecida, fallando sem motivo, a ninguem, no vacuo, sem ouvidos que a escutem, porque antes que saiam para a solidão do quarto sabe-se que palavras a bocca vae soltar. E quando ressoam lugubremente no silencio parecem apenas um echo, o echo singular de palavras pronunciadas muito baixo pelo pensamento.

Tive uma amante, uma rapariga como todas as que vivem em Paris, d'um modo de vida insufficiente para as alimentar.

Era affavel, boa, simples; os paes viviam em Poissy.

De tempos a tempos ia passar com elles alguns dias.

Durante um anno vivi tranquilamente com ella, resolvido a deixa-la quando me apparecesse outra que me agradasse o bastante para casar. Dar-lhe-hia uma pequena renda, visto que se admitte na nossa sociedade que o amor da mulher deve ser pago, em dinheiro quando é pobre, em presentes quando é rica.

Mas um dia ella annunciou-me que estava gravida. Fiquei atterrado e vi num momento todo o desastre da minha existencia.

Vi a grilheta que arrastaria até á morte, por toda a parte, na minha familia futura, na velhice, sempre: a grilheta da mulher ligada á minha vida pelo filho, a grilheta do filho que seria preciso educar, vigiar, proteger, escondendo-me d'elle e escondendo-o do mundo.

O meu espirito ficou transtornado com esta noticia; e um desejo confuso que não formulei mas que sentia no coração, prompto a apparecer como uma pessoa escondida atraz d'uma porta esperando que a chamem, um desejo criminoso appareceu no fundo do meu pensamento! — Se acontecesse um desastre?

Ha tantos d'esses pequeninos seres que morrem antes de nascer!

Oh! eu não desejaria a morte da minha amante. Eu estimava a pobre rapariga!

Mas desejava, talvez, a morte do outro antes de o ter visto.

Nasceu. Eu tinha uma familia no meu pequeno quarto de rapaz, uma familia com um filho, coisa horrivel.

Parecia-se com todas as creanças. Não teem a ternura instinctiva e arrebatada das mães; a sua affeição desenvolve-se pouco a pouco, o seu espirito prende-se pelos laços que dia a dia se apertam entre os seres que vivem juntos.

Passou-se um anno; agora eu fugia da minha casa muito pequena onde se espalhavam roupas brancas, fraldas, meias, mil coisas de toda a especie cahidas sobre um movel, sobre o braço d'uma cadeira, por toda a parte. Fugia sobretudo por não poder ouvi-lo gritar, porque gritava sempre, quando lhe mudavam a roupa, quando o lavavam, quando lhe tocavam, ao deita-lo, ao levanta-lo, sempre sem cessar.

Tinha travado algumas relações e num salão encontrei aqnella que havia de ser a vosoa mãe. Apaixonei-me e acordou em mim o desejo de casar. Fiz-lhe a côrte, pedi-a em casamento e foi satisfeito o meu pedido.

E encontrei-me preso num dilemma. Casar, tendo um filho, com aquella rapariga que eu adorava ou dizer a verdade e renunciar a ella, á felicidade, ao futuro, porque os paes, rigidos e escrupulosos, não m'a teriam dado se soubessem tudo.

Passei um horrivel mês de angustias, de tortura moral, um mês em que mil pensamentos terriveis me assaltaram, e sentia crescer em mim o odio ao meu filho, a esse pedaço de carne viva e cruel que embaraçava o meu caminho, me cortava a vida, me condemnava a uma existencia sem esperanças, sem todas essas esperanças que tornam encantadora a mocidade.

De repente adoeceu a mãe da minha companheira e eu fiquei só com a creança. Estavamos em dezembro. Fazia um frio terrivel. Que noite! A minha amante acabava de partir. Eu tinha jantado só na minha pequena sala e entrei devagar no quarto onde o pequeno dormia.

Sentei-me numa cadeira em frente do fogão. O vento soprava, fazia ranger as vidraças, um vento secco, de gelo, e eu via atravez da janella brilhar as estrellas com aquella luz penetrante que ellas teem nas noites geladas.

Então de novo me assaltou a obsessão que havia um mês me perseguia.

Logo que eu socegava elle descia sobre mim, penetrava-me e começava a roer-me.

Continua.

AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campolide)

AGUA DE VESIA (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.ª

RETROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapeus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'ellastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se ac senhas do «Bonus Conimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150—RUA FERREIRA BORGES—156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastellaria em todos os generos, especialisando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saueisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo systema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generosos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJÁS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Conducção gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — **Coimbra**

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que affirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrencia, apezar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1$350, 2$320, 2$800, 4$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Piugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2$500, a	1$200
Cobertores grandes, em flanella, muito finos, seu valor 1$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos. etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, **que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.**

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Luzitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V .d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Escovas para dentes, cabello e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

N'este estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE **José Correia Amado**

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — **Coimbra**

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.os 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pellaria estrangeira, e garante ao freguez o calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academico

Director e proprietario
Ramada Curto

Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

N.º 2 | COIMBRA — Sabbado, 12 de Dezembro de 1908 | ANNO 1.º

Considerações

No momento actual, a monarchia tem estes dois caminhos a seguir: ou voltar, em breve, á crise delirante com que terminou o anterior reinado ou fazer uma vida de baixos expedientes na politica e na administração que poderá, se a nação o consentir, prolongar-lhe a arrastada e miseranda existencia por um ou dois annos. Em ambos os casos a derrocada final, — irremediavel, inconjuravel. Não occultamos que mais nos agradaria o resurgimento da epilepsia franquista, que, abreviando a duração da farça, traria como corolario fatal o liquidar do regimen e a implantação da Republica ou seja a possibilidade unica do resurgimento nacional. Sem duvida que o regimen, levado aos ultimos extremos, trataria de comprometter seriamente a nação arrastando-a na sua queda ou, pelo menos, prejudicando-a quanto em suas forças coubesse. Mas os factos succeder-se-hiam tão vertiginosamente que, antes mesmo de se iniciar a execução do plano já o rei estaria na fronteira. Será da primeira das nossas hypotheses que a monarchia de bibe do senhor D. Manuel II lançará mão? Presumimos que, infelizmente não seja. E dizemos, infelizmente, não porque estejamos apressados do nosso triumpho certo, mas porque vemos no prolongamento da vida iniciada pelo actual governo, o que o mesmo é dizer da vida governativa que nos levou á ruina, uma temerosa calamidade nacional que terá tambem forçosamente o seu desenlace mas que arrastará taes consequencias que impossivel se torne depois salvar a nação dos seus temerosos resultados. E' por isso que nós preferiamos a politica facinorosa e provocadora de João Franco a esta vesga, sarnenta e anavalhada politica de rufiões callejados d'alfurja, que tem o seu inspirador na Anadia e o seu actual mandatario no burlesco Ferreira do Amaral e amanhã no *pobre-diabo* do sr. Julio de Vilhena.

O que isso é sabem-n'o em Portugal todos aquelles que olhem, a frio, os factos d'hoje e que recordem e honestamente tirem illações do que foi a nossa vida politica no ultimo reinado. Escusado é citar factos, não é verdade? A extranha e repugnante *Odysseia* da politica portugueza tem sido de tal ordem que quasi nos embotou a sensibilidade moral aos que d'essa sensibilidade são susceptiveis que dos outros não se falla, — porque são ou preparam-se para ser governo.

Acostumámo-nos ao escandalo. Uma infamia que n'outro paiz determinaria uma crise, a nós faz-n'os sorrir, e os proprios jornaes politicos d'opposição tratam-n'a como um *fait-divers* picaresco, — preoccupados com a enormidade d'outras. Este tem sido o passado, é o presente e tem de ser logicamente, o futuro. Mas a resultante do que *tem sido* até aqui, vemo-l'a nós no estado actual do paiz, que atravessa uma crise pavorosa, inconjuravel, unica, em todos os ramos da sua actividade e da qual só se poderá salvar á custa de muitos sacrificios — que é uma dôr d'alma ir reclamar de quem, por tantas vezes já tantos tem feito.

A synthese da crise geral vê-se claramente na nossa desgraçada situação financeira. Não se fala ja nos encargos da divida consolidada, que pesam affrontosamente, só por si, sobre a miseria geral. Limitemo-n'os mesmo a constatar sem commentarios e sem protestos, o desiquilibrio orçamental, accentuando-se em *deficits* progressivos que nos têm levado o melhor, segundo os calculos, de 95:000 contos de reis. Contentemo-n'os em saber que temos todas as nossas fontes de receita compromettidas por successivas operações financeiras sempre ruinosas e inhabeis, levadas a effeito, não obedecendo a um plano honestamente elaborado por estadistas mas ao sabor das necessidades de momento de politicantes concussionarios e dementados. Em todas ellas compromettemos o nosso futuro e, na ultima, no convenio, allienamos a nossa dignidade de nação independente e livre com a consignação dos rendimentos das alfandegas — o primeiro passo das administrações estrangeiras nos paizes fallidos.

E isto não tendo nós o direito de queixar-n'os dos crédores externos que — a verdade seja dita — tem procedido para comnosco de fórma muito de agradecer, dada a fallencia successiva e as provas de incapacidade das administrações que temos aturado de 92 a esta parte.

Pois bem. Posto resumidamente o quadro, deixando o muitissimo que não fica dito á inteligencia e aos conhecimentos de quem nos lê, — nós encontramo-n'os em face d'esta pavorosa verdade; — para restabelecer o nosso credito nullo, — com dinheiro a 7 p. c. e hypotheca como uma mercearia! — para a consolidação urgente da divida fluctuante e restabelecimento do equilibrio orçamental, para occorrer as despezas inadiaveis — temos de crear receitas novas! Mas como? Empenhando, pedindo emprestado, augmentando impostos! Temos os caminhos de ferro do Estado, as alfandegas ultramarinas e mais uns restos — e, decerto, a esta hora os nossos grandes homens da finança lançam p'ra esse resto os olhos cubiçosos. Mas isso não chegará e os impostos têm de ser augmentados! Ha homens para tudo, mas os miseraveis que se atrevam a apresentar em Côrtes tão desmensurada crueldade. tão vil ultrage á miseria do povo, necessitam exceder em descaro e barbaridade todos os que até hoje conhecemos. Serão talvez os mesmos, se lh'o consentirem. Até na infamia se faz progressos. Grande brilho e realce porem, daria ao quadro se os ministros que tivessem esses projectos na pasta os apresentassem na mesma sessão do parlamento em que se liquidassem os adeantamentos á casa real e aos particulares e as contas das obras nos paços régios. E se esses homens saissem inteiros registava a historia um caso inédito...

— E, depois disto, Portugal tinha acabado.

* * *

Póde o partido republicano deixar que as coisas cheguem a tal extremo? — Esse partido que tem em si as minorias intelligentes e honestas e a appoial-o as grandes maiorias populares — no seio das quaes, mercê da consciencia da propria miseria cada vez maior e do sentimento crescente que a propaganda republicana despertou e avolumou de que têm sido roubadas, expoliadas e desprezadas, por uma oligarchia de idiotas e maus — se creou uma consciencia nacional — esse partido diziamos, se em tal consentisse, teria falhado a sua missão historica, ter-se-hia tornado cumplice no assassinio da Patria, teria abusado indignamente da confiança ingenua do pobre povo e ficaria eternamente amarrado ao pelourinho da Historia como um bando de criminosos e de patetas. Na hora extrema não ha, nem mesmo póde haver, *impossibilidades*.

Sejam portanto quaes forem as circumstancias, o esforço do partido republicano, ha-de surgir necessariamente. Se a nação estiver condemnada *esse esforço* definitivo póde ser um suicidio...

Embora! Morreremos nós, os patriotas, os republicanos, juntamente com Ella, mas com a consciencia serena por termos tentado tudo p'rá salvar. Mas não será assim, estamos certos. Será a Victoria, será o Futuro — e as gerações que depois vierem hão-de louvar o nosso sacrificio, glorificar as nossas memorias, abençoar os nossos nomes, — felizes e livres, na Patria feliz e livre finalmente com ellas.

COISAS & COISOS

Coimbra, é hoje restrictamente um taboleiro onde se reflectem todas as mazellas nacionaes e toda a nossa decadencia. Tudo inutil. Tudo vazio. Não ha uma manifestação de intelligencia, de saúde, de utilidade.

Discute se mas não se produz. Escreve-se mas não se diz nada. Trabalha-se mas não se é util.

A cultura physica não existe. O Gymnasio e o Tiro, são apenas frequentados por seis ou sete rapazes que lhe dedicam a sua attenção e a sua boa vontade.

Conferencias, troca de impressões e de ideias boas não se fazem nunca.

A arte é uma desgraça.

Funda-se um Orpheon e morre ao desamparo por ser absolutamente incompativel com um meio refractario a manifestações artisticas, e ignorante das vantagens d'uma bôa educação musical.

Tentou-se Bach, e quando este explendido filtro começava a gottejar uma agua clara e limpa, revolucionam se os espiritos, surgem debates politicos, e o filtro rebenta deixando passar em massa todas as impurezas, todos os bacillos regeneradôres e progressistas que continha.

A litteratura — o que é isso em Coimbra?

Não é má, não é bôa, nãó é nada. Como pode haver litteratos em Coimbra, se lhes falta a educação artistica, o meio, a atmosphera indispensavel para lhes crear uma vida de espirito levantada e limpa?

Onde há em Coimbra uma convivencia artistica que valha este nome? Não pode haver, não há. Existem uns pseudo-arbitros, velhos e chôchos, como o foram sempre, que prejudicam e esterilisam todos aquelles a quem a dignidade litteraria consente a apreciação, que é sempre bôa e sempre favoravel. Não há ideotice por mais requintada e palpavel, que os pseudo-arbitros não acolham conselheiralmente com um sorriso de mestre benevolo e animadôr.

E estes conselheiros que pela sua edade, pela sua experiencia e posição, podiam dar optimos conselhos aos rapazinhos que os rodeiam, ensinando-lhes a ser uteis e a não perder tão perigosamente o tempo, vão alimentando uma legião de litteratos, importados de Chão de Maçãs e futuros amanuenses de secretaria.

Por isso se publicam livros em Coimbra, que são uma miseria mental e litteraria, e a ruina do pobre França Amado.

A associação academica, a unica que devia triumphar e progredir, está completamente abandonada, e ao seu abandono se deve talvez aquella tristissima derrocada de há dois annos, que hoje faz abortar todas as viagens triumphaes da academia.

Substituiram-n'a por centros onde formalisadamente se reune á noite para tomar café e lêr o *Progresso d'Ourique*.

Discute-se a eleição do presidente, galopina-se, e estabelece-se uma lucta inutil e renhida, com todo o saborsinho politico d'uma scena d'aldeia onde o regedôr e o barbeiro andam ás turras.

Não ha revistas, mas há o *Correio da Noite*. Não há jogos de sport, mas há jogos de vása.

Não há luctas de ideias, mas há luctas politicas. E' uma pessima eschola para estudantes, mas uma boa eschola para regedôres. Será tudo isto a coherencia nacional, o conservadorismo, mas a academia podia destacar-se e caminhar d'uma forma mais simples, mais util e mais moderna.

Crear por ex.: um centro para conferencias publicas, organisar uma subscripção para ampliar as *créches*, fundar a benemerita *gotta de leite* da Suissa, pedir livros para as creanças que não vão ás escholas por falta d'elles, fazer o bem, o util, o moderno, e concorrer assim para levantar um pouco esta miseravel vida portugueza *que a fortuna já não deixa durar muito*.

Mas não. Nada há a esperar de quem aos vinte annos não tem habitos, mas vicios.

Ou se opera uma modificação completa ou os inglezes entram em Portugal e mandam a *roupa suja* para a lavadeira.

X

CELEBRES... DE BORLA

ORIGENS...

O homem vem do mono. E' lei geral
Que a sciencia d'hoje acceita e reconhece,
— E ha muita gente boa em Portugal
Que prova e bem a evolução da especie...

Mas existe tambem muito animal
Que d'outra origem derivar parece:
— Um camello a um ministro é tão egual
Que a differença entre os dois quasi se esquece.

As beatas provêm das ratazanas.
Os policias das feras deshumanas.
— São tudo origens certas quanto a mim...

Todos sabem que os lentes vêm dos *ursos*,
Dos alumnos mais *finos* que ha nos cursos.
— E eis a razão porque elles são assim!

Dr. Watson.

De Relance

A quem nas linhas, que vam seguir-se, procurar a critica veemente a factos e a homens, com mordacidade feita, e de *verve* ou chalaça revestida, de principio diremos que a leitura abandone, não seja caso que ao fim se sinta definitivamente embaçado.

Este aviso aos incautos.

Ao pequeno numero de observadores de *miudezas*, daqueles pequeninos factos sintomaticos, e de que já no dizer dos romanos o *pretor não cura*, a esses ignorados criticos amargos, apenas, nos dirigimos para trocar as impressões que vám seguir-se.

A questão portuguêsa, tendo todo o palpitante interesse duma questão nacional, descobre-nos por vezes uma face, tam solta das determinantes etnicas, que á generalisação oferecem campo para amplas e seguras construções.

Não é apenas a epidemia monarquica, por vezes divertida nas suas manifestações, fazendo nascèr no cerebro dos nossos juristas em embrião o conceito, novo em direito publico, duma patria feita só para o seu exclusivismo partidario.

Essa ha-de ter como o *sarampo*, a fugaz duração dum roseo periodo agudo, passado o qual a palidez do extenuamento tomará o lugar do congestionado vermelhão dos manifestantes realistas.

Não é já a pertinacia num erro, pelo menos teórico, enconchando quem a possue num conservantismo e numa estagnação d'ideias pouco proprias da mocidade sempre cantada, como buliçosa e idealista.

Todos estes fenomenos teem por detraz de si determinantes momentaneas de conveniencia pessoal, para uns, táras e influencias de meio em outros.

O que inda não vimos observado e muito menos analisado é esta mistica e hieratica reverencia, toda feita de curvaturas, d'inflexões d'espinha e descaimento de palpebras, num requebro doce, como ante a religiosa visão da eviterna bemaventurança em que porventura os nossos enamorados da monarquia se presam de crêr.

Escapou ainda á critica mordaz e ao leve epigramma de café o modo como, no meio de todas estas manifestações á realeza, a falta de senso e a ausencia absolúta de convicções no espirito bem fundamentadas, vem exteriorisando-se no nosso meio academico. E ao contrario do que era de esperar não é a parte provinciana, porventura embalada pelo recitativo das lendas dos *reis doirados*, por acaso trazendo da sua ingenua aldeia a nativa predisposição para encarar um problema mais pelo lado sentimental, do que pela positiva relacionação das suas causaes, quem ao espetaculo triste vem trazer o enorme, o quasi exclusivo contingente.

Sam os filhos dos grandes centros, a *jeunesse dorée*, os condes e marquesinhos em espetativa, os que se presam de representar o pouco de civilisação, que um povo decadente poude elaborar, sam *eles* que ao ridiculo vem dar um cunho de unção serafica e preciosa, para o nosso meio transportando o que de usança antiga parece ter sido no impagavel seculo dos proximos sucessores do *Rei-sol*.

Não se discute, não se fala na *augusta pessoa* do sr. D. Manuel que uma inclinação de cabeça e o compor do vestuario imediatamente não venham revelar o acatamento em que S. M. é tido.

— O nosso rei! O nosso simpatico reisinho...

E a palpebra descai languidamente, como na intima vizão duma inefavel beatitude!

Para a familia real, para o alto clero e não menos altos funcionarios palatinos, os mesmos respeitos e acatamento, com a pequenissima diferença que a santa madre igreja sabiamente soube estabelecer entre o culto devido aos santos e á respeitavel familia de Nazareth.

E' este facto simplicissimo, tam simples que uma linha curva ou quebrada o pode delimitar, é a abdicação da inteligencia perante o argumento do adversario, que rapido queriamos analisar.

Donde provirá esta religiosidade instintiva, que não postiça, (por honra d'eles e convicção nossa, hemos de crê-lo), a que leis de psicologia universal ou restrita á nossa raça havemos de filiar o pitoresco fenomeno?

Uma resposta apenas encontramos, uma só filiação se nos antolha presumivel — a educação fundamente clerical, catolica, romana com que ha anos a esta parte *a vanguarda* da côrte pontificia nos anda mimoseando.

Vimos já aquéla mesma compostura do gesto e aquéla salmeada e religiosa entonação da voz, com os nomes apenas antiquados.

— O sr. D. Miguel...

— A sr.ª D. Carlota Joaquina.

Mas hoje, se lá voltassemos ao *nosso* Campolide, temos a certeza de qne ouviriamos, como cá:

— S. A. o sr. D. Affonso.

— S. M. a rainha sr.ª D. Amelia.

Que eles tambem se modernisáram os jesuitas. Ora... milagres do *Sacré coeur!*...

Isto não é, pois produto nosso. é obra *d'eles*, que é como qnem diz mercadoria conhecida em todo o mundo.

— A *Companhia!?*

— *Digitus Dei est hic.*

Pelo dedo conhecemos o gigante...

P. J.

MIUDEZAS...

Succedeu isto em Gerolstein por occasião da grande crise revolucionaria que o grão-ducado atravessou e que terminou com a morte do archiduque Frederico. Fôra o caso que o general Bombarden, — o terrivel e tonitruante general Bombarden, — affecto ao Grão Duque, dissera, dias antes do attentado, a quem o tinha querido ouvir:

— Se os conspiradores se atreverem eu racho-os, esmago-os difinitivamente...

E dos olhos do fogoso militar chispavam scintillas colericas que uns atribuiam á sua grande dedicação ao Grão-Duque e outros, ao «cognac» de que elle abusava, segundo era fama.

Nas hostes lealistas foi um gaudio por essa declaração do general. Dizia-se:

— Agora que venham os revolucionarios... O Bombarden racha-os!

Que elle era homem para isso! A bigodeira crespa, o ar marcial com que atravessava a cidade n'um corcel fogoso, cumprimentando á direita e á esquerda os seus correligionarios, com o ar de quem lhes dizia:

— Descancem rapazes! Não ha perigo! Cá estou eu, cá está o Bombarden! Racho-os!

E atravez da cidade, todos se segredavam, timidamente, como receiando um perigo:

— O Bombarden!... Racha-os!...

Ora, tinha o Bombarden acabado de fazer mais uma vez a ameaça temerosa, já recolhido do seu quarto, diante do impedido que lhe descalçava as altas botas de montar quando um official de «hulanos», muito pallido, muito tremulo, entra de repellão no quarto e diz com a voz embargada:

— General! Sua Alteza o Grão-Duque acaba de ser assassinado... Não ha mais noticias... Consta que a capital está nas mãos dos sediciosos.

— Upa! — fez o Bombarden, pulando p'ra o meio do quarto, pallido, de... colera, — e logo no ambiente pareceu espalhar-se um penetrante cheiro a polvora.

O official de hulanos, lealista ferrenho, apertou os punhos e rugiu:

— Canalha de revolucionarios! Ah! elles verão agora!

O Bombarden impoz-lhe silencio com um gesto e reprehendeu paternalmente:

— Modere as suas expressões Fritz! Canalha, não! Se a partida é d'elles, — que diabo! — é porque a souberam ganhar.

E concluiu, magestosamente:

— A situação requer muito tacto...

O jovem official, atalhou:

— Mas general é necessario organisar a resistencia...

Aqui o Bombarden perdeu a serenidade e com a careca vermelha de sangue, bramiu colerico:

— Qual resistencia nem qual diabo! Você está doido!... Está mesmo o tempo agora para resistencias!... Vamos lá para o quartel esperar as ordens do governo constituido ou do que se constituir... Tenho eu agora a culpa das asneiras do Grão-Duque...

E foi magestosamente para o quartel, aguardar as ordens. Os officiaes esperavam-n'o...

— Brrr! Que represalias medonhas irá elle iniciar! — perguntavam-se uns aos outros.

E a voz do Bombarden, no meio d'elles elevou-se solemne e grave:

— Meus senhores: nós esperamos ordens! O governo que se constituir será, decerto, o que convem no momento . . . . . .

O movimento falhou. Só passados uns dias é que — por prudencia, sem duvida! — Bombarden, serenada a situação, enviou os pezames á familia do Grão-Duque... E nessa noite, no meio d'um grande grupo d'officiaes, formidavel, medonho, mais tonitruante do que nunca, Bombarden, punha calafrios no auditorio, bramindo em voz stentorea:

— Canalha de revolucionarios! Elles que venham... Racho-os! Brrr!...

Um recruta.

Factos e Commentarios

Reapparecimento

Depois d'um longo e jurado recolhimento, que muito justificadamente vinha desgostando a *haute-gomme* da Lusa-Athenas, vimos com prazer, ondulando nos aristocraticos salões da reitoria, as abas da bem talhada casaca d'um conhecido, elegante e perfumado quintanista de direito, cujas aptidões lyricas são por todos justamente apreciadas.

No baile dos ursos

Diagolo entre uma senhora e um illustre titular muito nosso conhecido:

A senhora:

— E' preciso que as senhoras façam algumas marcas para serem offerecidas aos cavalheiros no proximo cotillon do gremio; não acha Sr. Conde?

O titular:

— Oh, sim, as senhoras fazem para os cavalheiros, porque, sim, para as senhoras é outra cousa... (sic)

O charco

O chronista de Coimbra para a beatifica «Palavra», e que diga-se de passagem parece ser lido em Alfredo Gallis, diz no seu numero de 4.ª feira:

«*A Revolta* é uma planta exotica, nascida á borda dum charco».

Aceitamos a comparação. Mas sempre lhe diremos que esta sua maneira de ver deixou fulos os seus colegas de *catholica* — o *charco* cá da terra.

Do «Portugal»

«Conta a *Croix*, chegada hontem, que algumas freiras, ha mezes, indo expulsas de França desembarcar a Douvres, na Inglaterra, foram obsequiadas com extrema amabilidade por um cavalheiro que as fez subir para um wagon de 1.º classe, tendo ellas bilhete de 3.ª. Explicaram isso, mas o tal cavalheiro não lhes deu ouvidos.

Chegadas a Londres, dirigiram-se de novo ao cavalheiro, pedindo informações, que lhes foram dadas com profusão, e insistindo na irregularidade da sua passagem em 1.ª classe:

— Não tenham cuidado volve-lhes sorrindo o cavalheiro, é o rei de Inglaterra, que vol-o pede...

Era Eduardo VII.»

Mas que grande maganão!

Ensaios de critica

A propósito do primeiro artigo d'esta secção, recebemos dum amavel desconhecido de Lisboa, a carta que gostosamente publicamos.

Apenas temos de rectificar a parte em que se atribue ao diretor d'este jornal a paternidade dos *Ensaios*, que sam obra dum nosso amigo e colaborador.

Agradecemos tambem as palavras cheias de bondade com que ao nosso diretor e ao jornal, *Simplex* se refere.

Liga d'Educação Nacional

A Commissão d'Extensão Universitaria da Liga d'Educação Nacional promove para o proximo dia 15 uma visita ao Muzeu d'Antiguidades e Muzeu da Sé, sob a direcção dos Ex.mos Srs. Antonio Augusto Gonçalves e dr. Teixeira de Carvalho.

Faremos o possivel para lá nos encontrar-mos.

A Policia

Esta policia cá da terra é impagavel!

Quando no sabbado á noite um vendedor de jornaes apregoava o nosso, foi-lhe este appreendido pelo guarda n.º 86, e levado o pobre rapaz até á esquadra da Baixa.

Um sarilho de telephones, o diabo!

Por fim lá encontramos o sr. Commissario que immediatamente providenciou, pondo em liberdade o preso... e a nossa *Revolta*.

Mas se *não se podem ter portentos por tres tostões*, para que diabo se lhes ham de dar ordens que se sabe elles não podem entender?

— Compreende-nos, sr. Christovão Ayres?

«O Rei»

Acabamos de lêr o opusculo em verso intitulado o *Rei* que Campos Lima poz á venda no dia da chegada a Lisboa do chefe d'estado.

Sam magnissimas paginas d'arte e de finissima critica á situação do monarcha, que mais uma vez vieram confirmar o que ha muito pensamos das qualidades literarias do seu autor.

Sem reclamo, diremos que é no genero o que de melhor se tem publicado nos ultimos tempos.

Ao nosso amigo um abraço.

Pela Universidade

Dissemos, no nosso nnmero passado, quando tratámos da «autonomia universitaria», que, para vir a haver de futuro bons professores na Universidade, era necessario em primeiro logar *reformar todos os nulos e incapazes que por lá vegetam* e depois fazer a *escolha dos novos dum modo diverso do que se tem feito até hoje*.

Abstemo-nos, por emquanto, de indicar quaes sam os nulos e incapazes que estam actualmente exercendo o magisterio superior, para fazermos apenas umas ligeiras considerações acerca da maneira como se recrutam lentes na Universidade de Coimbra.

Não conhecemos nada mais absurdo.

Pouco falta de facto para que esses logares de professores, cheios de responsabilidades moraes e scientificas, sejam transmitidos por herança de paes a filhos. O que se dá porem, é muitissimo parecido.

Em primeiro logar não se permitte que entrem no numero dos concorrentes individuos que não tenham feito o seu curso na Universidade, como se a sciencia que se ministra nas outras escolas congeneres, portuguezas ou estrangeiras, fosse comida forte demais para os debeis estomagos das sabios de *capêlo e borla*, e elles temessem ver-se obrigados a confessar publicamente tamanha fraqueza.

Por isso, amanhã, soponhamos, entre o senhor Dr. Bombarda, medico pela Escola-Medica de Lisboa e qualquer idiota que teve um dia a sorte de ser feito *Doutor*, e apresentando-se ambos como pretendentes a uma vaga existente na faculdade de medicina, esta faculdade não tem que exitar um instante sequer. Regeita o primeiro e admite o segundo ao concurso!

Aparte, porem esta vergonha sem nome, ha a acrescentar que nem todos os individuos diplomados pela Universidade podem aspirar a ser um dia seus professores.

Estam neste caso tôdos os que no final do seu curso não conseguiram obter uns tantos valores de informação, ou porque não quizeram ou porque não poderam, e que por este motivo ficam definitivamente impedidos de mais tarde, embora cheios de qualidades e de conhecimentos adquiridos posteriormente, poderem contribuir com o seu esforço para a obra de educação e regeneração da nossa nacionalidade.

A *suprema gloria* de vir a ser lente pertence apenas aos *eleitos* do Senhor, aquelles que desde os primeiros annos do seu curso souberam captar as simpatias dos mestres, sacrificando para isso, embora com honrosas e raras excepções, toda a sua personalidade e toda a sua probidade scientifica.

Todos nós, os que havemos passado pelos bancos universirarios, sabemos bem o que sam a quasi totalidade dessas creaturas que em calão academico se chamam *ursos*.

Pertence em geral aos professores do primeiro anno a espinhosissima tarefa de os descobrir entre a massa do curso e entre elles escolher os que mais tarde ham-de sentar-se ao seu lado, nas doutoraes da *sala dos capêlos*.

Com muitos nem é necessario esse trabalho de investigação, pois tem o cuidado de se fazer acompanhar duma carta amiga, que afiança a sua suprema inteligencia perante os mestres, e lhes faz a prevenção do seu desejo e decidido proposito de estudar para lentes...

Tudo depende da primeira lição.

Se o alumno, a par da boa recomendação, consegue decorar as desesseis paginas impressas na vespera sem lhes faltar uma virgula ou errar um nome, e alem disso accrescentar por sua conta meia duzia de palavras sonoras, tiradas de qualquer expositor, nada o salva da distinção no fim do anno e dum provavel *accessit*.

Nos outros annos faz o mesmo, tendo alem disso a vantagem de saber pouco mais ou menos quando terá de dar as suas provas, pois ha em quasi todas as cadeiras determinados assumptos sobre que, por mais se prestarem a acrobaticas discussões e a floreados retoricos, é da *praxe* falarem os alumnos classificados.

Chegado ao 4.º anno com alguns *premios* na bagagem, e se continua a mostrar-se submissos á vontade dos lentes e disposto a seguir-lhes as pisadas, é-lhe então feito o convite para vir fazer o exame de *licenciado* e *defender teses*, actos que, nestes casos, sam simples formalidades, servindo apenas para mostrar a profunda ignorancia e a falta de orientação de todos, mestres e alunos.

Eis em toda a sua simplicidade como se fabricam lentes na Universidade de Coimbra.

Mas porque se consente tamanha monstruosidade? Porque é que os poderes publicos, pôem de parte as justissimas reclamações que já lhe tem sido apresentadas para acabar com este vergonhoso estado de coisas?

Porque mantém este regimen na Universidade, havendo nas escolas medicas e polytecnicas de Lisboa e Porto, para todos os effeitos equiparadas áquela, um processo muitissimo mais moderno e liberal para a escolha do seu corpo docente!

Nada o explica, a não ser a oposição que o espirito retrogrado e auctoritario dos seus professores sempre tem feito a tudo quanto cheira a liberalismo e a progresso.

O que ha pois a esperar de professores assim selecionados, senão a continuação da miseria intellectual e moral, que ha annos vem minando a sociedade portugueza e deprimindo os poucos elementos de vida que lhe restam?

Só a existencia de professores assim pode explicar de facto a falta de energia moral da actual geração academica, a profunda ignorancia e a irritante charlatanice dos que teem a desgraça de os ouvir annos seguidos, sem de tempos a tempos tomarem um banho de progresso e sciencia, embrenhando-se na leitura d'alguns livros bons... vindos lá de fora, está claro.

Francino Corarc

AS COLUNAS DESTE JORNAL FICAM A DISPOSIÇÃO DE TODOS OS ESTUDANTES REPUBLICANOS

Nota da semana

No *Popular*, orgão do sr. Julio de Vilhêna, chefe... da sua familia, apesar de, teimosamente, se considerar chefe do partido regenerador appareceu, ha dias, cremos que em artigo de fundo, uma doutrina curiosa a todos os respeitos: — pela extravagancia e pela inepsia que prova em quem se atreve a sustenta-la em publico.

Affirma s. ex.ª que «nenhum governo poderá nem deverá elaborar uma reforma administrativa, consignando o salutar principio da autonomia municipal, *«emquanto a vereação do primeiro municipio do paiz fôr republicana»* !! Não serão estas as palavras mas é sem duvida esta a ideia. Que isto se pense e que seja um chefe de partido a pensa-lo, ainda se admitte — na Beocia e na monarchia portugueza!

Mas que isto se diga e seja o jornal que traduz as opiniões desse chefe a dize-l'o — é que positivamente excede em impertinencia e *franqueza* tudo que conhecemos no genero.

Fica bem claro depois desta declaração o seguinte: o partido regenerador, reconhecendo a superiordade theorica e pratica do principio da descentralisação administrativa e da autonomia das corporações locaes, não o consigna no seu programma... por causa dos republicanos...

Da mesma fórma o partido regenerador reconhecendo o principio da autonomia eleitoral das cidades, da representação proporcional ou pelo menos, da representação das minorias, não os estabelecerá n'uma lei eleitoral de sua iniciativa... por causa dos republicanos.

Todas as boas e urgentes medidas que o paiz reclama, mas de que por qualquer fórma os republicanos se possam aproveitar como toda, a outra gente não terão o appoio do partido regenerador.

Emquanto houver republicanos em portugal, o partido regenerador coisa alguma alma fará que preste, — se as coisas que prestarem — aos republicanos servirem!!

Estamos esclarecidos. O facto não é novo, todavia. De ha muito que não nos restam duvidas de que tem sido e será assim, como affirma o sr. Vilhena que as coisas se têm feito e continuarão a fazer-se.

A franquesa, porem, é que só... *dum poeta*! Sirva ella ao menos, a tirar as ultimas illusões que, porventura, existam n'alguns espiritos de que possa fazer-se algo de decente, de inteligente e de justo com taes homens e com tal regimen que lhes deu origem.

IMPRESSÕES

No cumprimento de uma praxe universitaria antiga, perturbada de ha tempos por agitações da academia de Coimbra, deu-nos o sr. Alexandre Cabral mais um *baile dos ursos*, nas salas vastissimas da Reitoria.

Meia duzia de estudantes classificados, escolhidas senhoras das relações, algumas borlas do edificio, e uns tantos mais casacas, reuniram-se em conforto amigavel, trocando sorrisos, trocando passos e voltas, n'um trocadilho continuo de sciencia... titular.

Os ursos!

Mas a alegria é contagiosa, e quizeram os fados que brotasse d'um cerebro prometteador ideia exquisita.

— O *musico* precisava festa por sua vez. Tinha de dançar tambem, ao ar livre, embora.

A ideia caiu bem, e tivemos novo baile, dos *musicos*, na mesma noite fria, em plena rua, ao som de musica infernal, sem cerimonias de traje, sobre a direcção da lua.

A academia vingada, a academia divertida, a troça em protesto, e o protesto mordido em silencio. Victoria!

Os musicos!

Já não é só de agora que aos espiritos irrequietos da mocidade coimbrã surge a revolta pela praxe bolorenta, pelas velharias variegadas, que Minerva sobraça ainda, altiva, superior.

Em tempos, recentes até, se não estamos em erro, essa grande massa estudiosa, alvoroçada, indignada, cheia de pundonor respeitavel, n'um salão, que não da Reitoria, protestou tambem, vibrando, unisona.

Não se tratava positivamente de uma dança. Caso mais serio. Injustiças, coisas d'actos, politiquices. Um chumbo doutoral.

A academia!!

Mais tarde houve um movimento celebre, de mistura com compromissos solemnes, publicos, geraes, honras empenhadas, papeluchos na imprensa, na rua, coisas da bréca. Um cahos, — uma greve.

A academia briosa protestou ainda e mais uma vez. O protesto agora foi mais violento, deixou-a mal ferida, parece que houve incoherencia, mas... protestou e venceu. Quebrou a greve e ensacou a honra.

A honra!...

E cada vez mais erguia sobranceira a mente.

Um dia assaltavam a liberdade ao cidadão, quando não a vida, agrilhoavam o pensamento, amesquinhavam, saqueavam o Estado, esbanjavam os dinheiros publicos n'uma feroicidade jesuitica, atrevida, ultrajavam a nação que palmilhavam ruidosamente, ora aqui, ora acolá, de vagar, de fugida, atiravam nos para uma bancarrota desgraçada, humilhante, ronronava-se de estrangeiros, hypotheses, e ainda a academia soberana — fallou, reuniu, *fundou*... e protestou; consciente ou inconscientemente... protestou.

A consciencia!...

Decididamente nem sempre a academia coimbrã tem feito figura... *d'urso.*

N.

ENSAIOS DE CRÍTICA

II

Pela reflexão e pelo habito é que nos tornamos capazes de comprehender a (obra d'arte)

E. Véron

A musica, como todas as manifestações de arte, tem um sentido, intuitos e fins; traduz um sentimento, e, a verdadeira, representa uma philosophia.

Assim, comprehender todas estas coisas, só o pode quem, alem de sentir, conheça os precursores do autor da obra considerada, e tenha feito um bastante estudo e analyse dos classicos pelos quaes se constitue progressivamente, por meio de esforços seculares o edificio da arte.

Comtudo, estes conhecimentos que representam um trabalho aturado e difficil, não são materia absolutamente exigivel para ter a comprehensão que baste a tornar consciente a emoção sentida.

As emoções são por sua naturesa indefinidas e vagas; logo que o ouvinte tenha uma certa cultura geral e seja capaz de fazer em si mesmo o estudo das impressões recebidas, eleva-se á consciencia dellas.

Esta consciencia é tanto mais perfeita quanto maior for o numero de audições, pela rasão de que a repetição de audições firma e aperfeiçoa as emoções permitivas tornando assim sobre ellas, mais facil qualquer estudo.

Synthetisando, podemos dizer que a impressão musical produz tres resultados differentes a que correspondem tres variedades de homens:

A simples emoção indefinida e vaga — o homem.

A emoção consciente e definida — o homem culto.

A comprehensão perfeita — o homem erudito.

* * *

A trilogia compõe-se de um prologo *Das Rheingold* e tres dias: *Die Walküre, Siegfried* e *Götterdämmerung*. Extraiu-a Wagner dos *Eddas escandinavos* e da lenda dos *Nibelungen*.

Estes mithos e estas lendas não são, porem, na obra de Wagner, o que sam na tradição; foram modificados por elle e ampliados pela arte maravilhosa do seu extraordinario genio.

Não devemos, pois, considerar as personagens taes como são na mythologia germanica, mas sim como Wagner os apresenta e com o caracter que elle a cada uma dellas attribue. Não é, portanto, nem a mythologia do norte nem a do Rheno: é a mythologia wagneriana, como a religião do Graal não é a religião christã, mas uma especial concebida por Wagner tambem baseada na lenda.

Esta observação tornava-se indispensavel para explicar contradições que no poema encontrava quem nelle esperasse a lenda pura.

Os Fourchambault

Pela companhia do theatro normal foi levada hoje á scena, esta peça, em 5 actos, de Emile Augier.

A peça, demais a mais em 5 actos, é duma ingenuidade verdadeiramente commovedora e poderia talvez chamar-se sem que o titulo perdesse — *O Vicio castigado e a virtude recompensada* — se ahi houvesse algum vicio.

Mas não; as virtudes são para todos as personagens e só um ou outro é que tem leves defeitos.

Eram assim em 1860.

Para esta epocha o auctor de *Le Gendre de M. Poirier* apreciavel obra de teatro, fez o que era preciso fazer e fez bem.

Tem até scenas que representam um certo arrojo e prefeitamente aproveitaveis para a scena moderna, como a que se dá entre madame Fourchambault e seu marido no 1.º acto, e todas as que se dão com o barão.

Estas que citámos tem valor sobretudo, porque o caracter das personagens que nellas figuram é muito bem revelado.

De resto, peça antiga, tem um anjo bom no sr. Fernando, o assedio a Branca por dois mentores que durante um quarto de hora se alternam nos conselhos e, o que é mais, ainda tem monologos.

Emfim... 1860.

Do desempenho pouco ha que dizer. Augusto de Mello e Pinto Costa bastante correctos, como estamos habituados a ve-los; Fernando Maia declamando de mais e com um gesto em que nem sempre eram observados os solidos preceitos de Shakespeare; Carlos Santos, disfarçado em creado do Marques Pinto... commovia.

As damas, aqui caio, alem me levanto, foram andando.

E' assim o THEATRO NORMAL de 1908!

Coimbra, 8-XII 08.

Triplus

CARTA

Meu caro e desconhecido sr.

Dis no primeiro dos seus Ensaios de Critica, n'esse jornal publicado, que «em Coimbra não ha, nunca houve qualquer acontecimento musical sobre que possa incidir a critica; e, logicamente, nunca haverá pois uma terra em que tudo é mau — ou antes, em que tudo é pessimo — desde as mulheres até á Universidade (o 1.º estabelecimento, etc.) não se compadecerá certamente com qualquer manifestação do Bello e muito menos com a Suprema Arte».

De todo o seu primoroso artigo que eu considero como um punhado de verdades, e em que á simplicidade do estilo V. Ex.ª allia um grande poder de observação de que dou para exemplo a explição fisiologica do gozo estético, aquellas suas palavras constituem uma afirmação que ninguem que não seja um ousado ou um paradoxal se atreveria a contestar.

No nosso continente, como afinal em todo o mundo culto, as manifestações artisticas representam uma preocupação constante, direi mesmo, porque o são, uma necessidade imperiosa do espirito.

Pondo de parte a esculptura, a architectura, a pintura e a poesia de que immorredoiros documentos attestam o talento e o genio de tantos dos seus cultores, e referindo-me exclusivamente á musica — por me parecer ser esta a sua especialidade — faz a attestação do que affirmo um exame, por succinto que seja, do que em musica e para a musica tem produzido os differentes paizes da Europa.

E assim, se exceptuarmos a Hespanha que em todo o caso apresenta nomes como os de Sarasate e Breton, e a Inglaterra que pelas suas condições especiaes não é muito dada as manifestações artisticas, embora tenha escolas proprias e teatros onde se cultiva a arte dos outros paizes, nós encontramos na França, modernamente, Berlioz, Saint-Säens, Massenet e Charpentier, para não falar nos symfonistas de celebridade de Dukas e D'Indy. A Italia que actualmente atravessa um periodo de enfraquecimento, teve na epocha do explendor da opera, homens como Rossini, Bellini, Verde e Boito. Os proprios, para nós nebulosos, paizes do norte produsiram entre outros Grieg na Noruega, Chopin, Borodine, Tschaikowsky, Moszkowsky e outros na Polonia e na Russia.

Finalmente a rica, a bella, a sabia Germania. desde J.-S. Bach a quem a musica deve o que uma religião deve ao seu fundador, até Richard Wagner, o imortal e inimitavel creador do drama musical, dá-nos o quadro dos grandes dos sublimes Genios da musica.

A illumina-los, com a luz que de resto illumina o mundo inteiro, o Deus da Musica — Beethoven.

E' como se estes não bastassem, Haydn, Hændel, Mozart, Weber, Mendelssohn, Liszt, Schumann, Schubert!

E sabe o meu ilustre critico como é que todos estes paises têm produsido estes e outros grandes talentos musicaes?

Se puser de parte uma certa idiosincrasia musical (deixe-me diser assim) peculiar a todos aquelles paises e que fas, por exemplo, que na Allemanha em toda a parte, desde o mais sumptuoso palacio á mais humilde choupana se executem com perfeição e religiosidade as obras dos Mestres, não vê senão uma razão.

E' porque lá fóra ha conservatorios, ha immensos teatros, ha escolas em que se professa a divina Arte com a seriedade, com o caracter de necessidade com que se professam as sciencias ou os conhecimentos paticos. E' porque n'aquelles paises a arte considera-se como indispensavel á vida, trata se como a sciencia com o acrescimo da veneração e do culto que a sua propria naturesa inspira.

Desgraçadamente no nosso paiz a arte não tem grandes cultores, e, o que é mais desastroso, nem grandes e muitos admiradores.

Só aqui, em Lisboa, é que alguma preoccupação artistica se nota; nessa cidade estas manifestações resumem-se ao descante do fado em choradeiras de guitarras por noites de orgia e lua ou só de orgia.

A arte dá ao homem que a sente e entende uma superiordade sobre os outros; só ella pode quebrar as arestas que as desgraçadas condições de vida academica abrem no espirito; assim torna-se indispensavel que, ao lado da aridez que o estudo como se fas em Portugal e sobretudo na Universidade põe na vida dos estudantes, alguma coisa de bellesa, de ideal, os venha chamar para regiões mais puras e para sentimentos melhores. Como?

Creando escolas de arte?

Não; antes d'isso, que é estudo, é preciso despertar no espirito d'essas sentenas de rapases novos que a sorte exilou da pouca arte que em Portugal se fas, o amor por essa arte. Façam-se depois as escolas.

No momento actual, o que um governo que sentisse estas verdades deveria faser, seria transferir para aqui a Universidade.

Mas, como a isso se opporiam talvez serios interesses locaes, e sendo verdade que os verdadeiros exilados são os alumnos de direito, bastava que em Lisbôa se criasse esta faculdade.

Admira até bastante que os alumnos de Coimbra não tenham feito nenhuns esforços para que isto se consiga. E' porque não vêem nesta ideia uma utilidade directa e pratica? ou será pela desgraçada *insouciance* tão caracteristicamente da nossa gente?

O meu amigo, que colabora num jornal democratico e serio, que me parece atê ser o seu director, e que, n'esse caso, é um rapaz novo, cheio de aspirações, intelligente e artista, tem obrigação moral de pugnar por esta ideia.

E creia que, fazendo-o, faz um grande bem ao paiz e por isso á humanidade! esse esforço, muito teriam que lh'o agradecer as gerações academicas futuras, porque é um esforço para dar-lhes, no dizer de Schopenhauer que V. Ex.ª tão bem conhece e de quem se serviu para o *entête* do seu artigo, *a unica flôr da vida.*

Lisboa, 8 de dezembro de 1908.

P. S. Lembra-me que, prendendo-se esta carta absolutamente com o seu artigo, é possivel que algum uso queira fazer d'isto. A's suas ordens.

Não assigno por muitas razões que seria longo enumerar; mas, se quizer publicar, alvitro o pseudonymo que o de V. Ex.ª me suggere.

Simplex

«A REVOLTA»

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... 300
Estrangeiro..... 600

Pagamento adeantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha... 30 réis
Repetições .. 20 »

ANNUNCIOS

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito urinarios do homem e da mulher

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA
Thelephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde
Doenças da bocca e dentes
Rua Ferreira Borges, 174
COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.
ANALYSES: succo gastrico, fézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS
Com pratica nos hospitaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campolide)

AGUA DE VESIA (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.ª

RETROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapeus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'ellastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se ac senhas do «Bonus Conimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150—RUA FERREIRA BORGES—156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastellaria em todos os generos, especialisando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saueisses Puddings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló,** pelo systema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generosos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Conducção gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

---

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — **Coimbra**

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que affirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrencia, apezar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos Grandes Armazens de Lisboa, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1$350, 2$320, 2$800, 4$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Piugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2$500, a	1$200
Cobertores grandes, em flanella, muito finos, seu valor 1$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos. etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, **que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.**

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Luzitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Escovas para dentes, cabello e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sóes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

N'este estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e moréis. Ha espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE **José Correia Amado**

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — **Coimbra**

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.os 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pellaria estrangeira, e garante ao freguez o calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academico

Director e proprietario
Ramada Curto

Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

N.º 3 | COIMBRA — Sabbado, 19 de Dezembro de 1908 | ANNO 1.º

UM EPISODIO

A celebre questão dos Sanatorios da Madeira que ainda está na memoria de todos, foi obra da imbecilidade dum ministro — o actual titular da pasta dos estrangeiros, Wenceslau de Lima. A historia que d'essa questão foi feita na imprensa não é, nem pode ser, completa.

Falta-lhe uma parte importante, — que os segredos das chancelarias não deixam vir a lume, e que, se um dia se poder tornar publica, demandará, cumulativamente, que se ressuscite Offenbach, para pôr em musica aquillo tudo:— o ministro, o barão de S. Pedro, o Souza Monteiro da Academia, toda esta frandulagem de ineptos e pataratas, que constitue o que em Portugal se chama, por um euphemismo de mau gosto — a nossa diplomacia. Para bombo da festa, ahi está o visconde de Pindella, nosso ministro em Berlim, que durante mezes consecutivos, aguentou as arrieiradas altaneiras do chanceler allemão Bulow, difficeis de engulir como marmellos crus, ainda mesmo para o representante duma potencia de creditos avariados, como nós.

O peior é que a liquidação da vergonhosa historia, custará ao paiz, afóra um bom par de pontapés allemães, uma continha muito apreciavel em bom metal sonante—a qual, se agora se iniciasse uma hora de justiça em Portugal, só seria paga pelos cofres publicos depois de serem excutidos em hasta publica os bens particulares de todos esses *diplomatas* — que seriam aposentados definitivamente em onagros, sem vencimento.

Isto que ahi fica dito é sabido e com todos os seus pormenores, nas regiões da alta politica portugueza. Pois bem.

Forma-se um ministerio, com representantes dos dois partidos da rotação, com o fim de *acalmar*, de inspirar confiança no espirito publico pelos seus homens e pelos seus actos, e quem escolhe a Monarchia, quem encontra o regimen para pôr á frente da pasta dos Estrangeiros? —, Wenceslau de Lima, o illustre auctor da *carrapata* dos Sanatorios, ainda por liquidar! Lá está elle a dirigir superiormente os destinos internacionaes do paiz — elle, o barão de S. Pedro, Souza Monteiro e, na Haya, o Camello!

E' absurdo! dirão — mas é verdade.

Ora, dá-se o caso que Wenceslau é o mesmo homem, a sua mentalidade de estadista superior já tinha chegado, a quando dos Sanatorios, ao *maximum* de desenvolvimento, depois da qual toda a evolução cerebral dum ministro ou dum burro, se torna absolutamente impossivel. E Wenceslau interpretando logicamente, como uma prova de applauso e de confiança do paiz aos seus provados talentos, a sua nova chamada aos conselhos da Corôa, vá de proseguir na execução do seu plano e de nos arranjar para nosso consolo e regosijo, aquella brincadeira de Macau.

A' esthetica do grande estadista entrou d'appetecer orientalismos...

O capacete allemão tem, no alto, um fuso rigido e acerado, proprio para espetar . . . O rabicho do chim é sedoso, flexivel, e quando enrolado ao gasnete dum paiz, que não pode com uma gata pelo rabo, aperta como uma corda d'esparto.

O ministro, pelo visto, é *frecheiro* d'estas caricias, como *certas* creaturas sexualmente degeneradas . . .

A historia é simples e resume-se em pouco.

Um navio japonez, de commercio que pelo nome não perca, foi apresado dentro das aguas portuguezas de Macau, por uma canhoneira chineza . . . O Japão reclamou a Portugal—e, querem os senhores saber o que faz o grande Wenceslau para se livrar, por um rasgo de genio de entalações? — Declara officialmente, que as aguas não são nossas e que o Japão se entendesse com a China. O Japão *entendeu-se* e a China pagou, — e depois, muito logicamente, apoderase-n'os dumas ilhas situadas nas aguas que eram della — porque, ninguem melhor do que nós o sabia,—e foramos nós os primeiros a dizer-lh'o!

Depois das ilhas, irá, naturalmente, Macau. A nossa alliada Inglaterra, que já nos deixou sós, quando dos Sanatorios, manda-nos dizer que está muito divertida a ouvir o Soveral contar uma anedocta do tempo em que era *valet de chambre* do princjpe de Galles, hoje rei, e que não póde cá vir agora...

O barão de S. Pedro vae para casa pôr paxes *d'espermaceti* nas almorreimas, o Camello lá está na Haya — e glorioso! —, o Souza Monteiro, esse, vae retorcendo a prosa vernacula, segundo um novo modelo de chavelhos de mil voltas que mandou vir da Australia.

E Wenceslau throna, olympico sobre tudo isto.

* * *

Lindos filhos — do regimen que os gerou a todos!

COISAS & COISOS

Um true justificavel

Quando se organisou o ministerio actual, houve quem se oppozesse á nomeação do sr. Espregueira para a pasta da fazenda, com estes fundamentos razoaveis — é perigoso, porque os republicanos desatam-se a cantar poucas vergonhas e não há meio de os callar, vocês bem sabem..... Mas, um dos mais eminentes pensadôres do partido progressista objectou com um sorrisinho triumphadôr — não importa, inventa-se uma *blague* de pezo, lança-se nos jornaes, e tudo se equilibra inteiramente.

Tomo a responsabilidade d'isso, dizia num gesto tranquilisador o perspicaz caudilho progressista.

E realmente. No dia seguinte appareciam na imprensa rotativa estas duas locaes *equilibradôras* da opinião publica.

Governo

«Ficou na pasta da fazenda, depois de muito instado o sr. Conselheiro Espregueira».

Republica

«Realisou-se um comicio republicano em Valle das Eguas, secretariado pelo famigerado gatuno Petiz das Gravatas».

Positivamente o paiz nada tinha a dizer. O diabo é que algum tempo depois noticiavam os mesmos jornaes que o famigerado gatuno estava cumprindo uma pena na cadeia de Lisbôa, e máis adeante noticiavam que o sr. Espregueira continuava a gerir a pasta da fazenda. O paiz ficou então completamente *á brocha*.

Elle é barro!

\+

Actos grandes

Realisou-se um *licenciado* na salla dos Capellos com a solemnidade tradiccional.

Casa fraca. Dois ou tres camarotes occupados, e a *geral* vazia. O Reitor vestia a farda de pequena galla que lhe dava um ar de correio de ministro, solicito e attencioso.

Doze mestres, occupavam os seus logares solidificados e impedernidos, como convem a um espectaculo de tamanha respeitabilidade.

Dentro da teia, sentado á mesa gloriosa, jazia o candidato. O torneio não teve interesse de maior, porque os mestres *amaciados por elementos extranhos* mantiveram se n'uma attitude sorridente e piedosa durante o attáque.

O candidato gemeu e gaguejou por vezes, uma defesa murcha, e valeram-lhe aquelles doze braços *benevolos e piedosos* que o levaram em charóla até aos quinze valores de resultado final. Como foram differentes as *theses* do José Eugenio! Como foi differente o criterio para o classificar! Eu sei, que a consciencia é elastica e flexivel—mas tanto, não supunha.

Tableau — a charanga universitaria executou durante o licenciado a sempre applaudidissima valsa da maestro *Consciencias*, intitulada «nas cunhas é que está o busilis».

N.

MIUDEZAS...

Aquelle diabo do conselheiro não nos largava! Tudo era querer provar-n'os, a nós republicanos convictos, a miseria da França, a desoladora situação da França, a calamitosa crise da França, — por culpa da Republica! Que havia ainda mezes, no «café dos Embaixadores», o ponderado e sabio senador Trochu, lhe dissera confidencialmente:

— La République, mon cher, ça ne tient, plus!

— E vejam os senhores — rematava o conselheiro — isto dizia o Trochu, não era qualquer «borrabotas»... Se a França podesse apanhar outra vez a sua monarchiasinha, não a largava mais . . . Aquillo é paiz perdido . . .

E como de costume, o conselheiro, depois de esgaravatar o nariz com o indicador, fez conscenciosamente uma bolinha com o contheudo, collocou-a em cima da unha do polegar direito e n'um piparote lesto, atirou-a para cima dos circunstantes. Depois do que, impando de conservantismo e flatulencia, como tivessemos chegado ao café, arrotou, com estrondo.

Nós fizéramos em roda d'elle um silencio acolhedor. Queriamos ouvi-lo. Tinhamos na nossa frente um documento — e nada mais curioso do que um documento a fallar. Do lado, para o picar, alguem lhe citou a extraordinaria riqueza da França em dinheiro, — um terço do ouro amoedado e em barra de todo o mundo, — que a transformou na Bolsa da Europa, — a sua economia particular—milhões de francos accumulados em caixas d'aposentação e auxilio, — a sua agricultura florescentissima, o seu commercio, o seu exercito prompto a bater-se e, a triumphar d'Allemanha . . .

— Larachas! Cantigas . . .— interrompia o conselheiro — O Trochu, o Trochu é que me disse; «la République, ça ne tient plus»! . . . E o Trochu é senador, é homem serio . . .

Depois entrou a fallar de si.

Não cuidassem que elle era monarchico por interesse! Elle nada ganhava com a monarchia.

E enumerava: Companhia de tal, dois contos de reis . . . Empreza tal... dois e quinhentos . . . Director d'isto d'aquillo etc. . . . sommava tudo uns oitocentos mil reis por mez! Uma miseria — com a vida cara como está!

Se não fossem as «achegas» . . .

E o conselheiro com o ar de mais «boa pessoa» d'este mundo, espapaçado na cadeira, mamava melancholicamente a ponta do charuto . . .

— E por cá, na monarchia, ha muito talento, ha homens de saber, homens de governo... Quem têm vocês lá na Republica! Quem têm vocês digam lá

CELEBRES... DE BORLA

AHI, VALENTE!

Bravo, doutor! Eleve ao infinito
A gratidão, cá da rapaziada,
Por esse bello e corajoso grito,
Que deixou a *Sebenta* abananada.

Ninguem dirá, ao ve-l'o tão *fraquito*,
Toda a rijeza d'essa alma ousada!
Assim está bem! assim é que é bonito!
Venha de lá a sua mão honrada!

Mas isto, bom doutor, não se endireita
Deixe-a cair em pó, podre, desfeita,
Como velha, que entrou já na demencia . . .

A molestia é antiga, é de Raiz,
Que, como sabe, e toda a gente diz,
E' sempre opposta em Algebra á potencia.

Dr. Watson

E então é que foi ouvi-l'o! Nós divertidos, deixavamo-l'o fallar...

Elle tomava o nosso silencio á conta do effeito que produzia sobre nós a sua eloquencia, e proseguia triumphante.

Por cada nome citado era todo um chuveiro de insultos, de graçolas de calumnias... Nós espantavamos, entre divertidos e furiosos... Um de nós, em ultima instancia, lembrou um nome — um nome immaculado, prestigioso, gloriosissimo...

—E' um burro! E' um malandro! E' um imbecil...

Ah! era demais e todos se preparavam para castigar o conselheiro, — quando á porta da sala do hotel o homem que usava esse nome appareceu...

O conselheiro deu com os olhos n'elle, conhecia-o, abriu os braços, e gritou diante de nós todos, varados!

—O' meu caro doutor! Estava agora mesmo a fallar em si e a dizer a estes amigos: se todos fossem assim na Republica, já eu lá estava, havia muito...

E pousando a mão enxovalhada nas costas d'esse «homem» que se aproximava, rematou, olhando para nós com uma convicção enternecida:

— Isto é que é talento! Isto é que é caracter!...

* * *

São assim, na Monarchia...

Um creado d'Hotel

A DERROCADA

No furacão violento, terrivelmente sinistro que agita os povos da Europa, ouvem-se os gritos de revolta expellidos ao vento lá do fundo das prisões, os gemidos de dôr e de desespero sahidos das negras espeluncas, por entre os gestos supplicantes de lividas creanças que não encontram mais carinho, de que as lagrimas e os soluços de Mães exhaustas de martyrio que não teem pão. E' a voz do soffrimento da verdade eterna, da inflexivel justiça, marcada em caracteres de fogo e de sangue na Historia que vem mostrar aos desgraçados, aos despreziveis da terra, a hora da liquidação dos monstros, o caminho brilhante da civilisação, as formosas construcções do Porvir assente sobre a escola da Solidariedade e do Amor. E a Esphinge tragica do passado, emergindo das profundidades dos seculos, agonizante de tantos horrores, que depois de se ter manifestado nos maiores Genios do Oriente cujos echos as catacumbas repetiram e os tempos não apagaram, e nos martyres que pela humanidade soffreram, vem destruir em toda a sua magestade sanguinaria, os reis papas, thronos e os demais symbolos creados pela inacionalidade do homem para supplicio da especie humana. E é depois de tanto sangue derramado pela liberdade, depois de tantas luctas seculares contra o despotismo transbordante de raiva, agora quando a Democracia pelo verbo candente dos seus immortaes heroes, se levanta no movimento impetuosamente ameaçador, para assumir os destinos do mundo sedento de paz e harmonia, que os reis, miseros servos do Deus mais feroz, mais sanguinario de todos os Deuses que disputam entre si o governo dos brutos, procuram d'accordo com o clericalismo romano contrariar o desenvolvimento progressivo das ideias, abafar cruelmente as mais altas e elevadas aspirações dos escravos da terra e de todos aquelles que só prestam culto á Razão e á Sciencia.

Toda a Europa se encontra hoje sobre a ameaça d'este perigo imminente, derivado em parte do triumpho da imperial Allemanha sobre a França livre, não obstante esta ficar victoriosa na hegemonia intellectual. As novas monarchias sahidas da revolução franceza por um contrato observado entre o privilegio e a liberdade, tem se conservado á custa d'uma pesada centralisação administrativa, de exercitos permanentes e sobretudo da ignorancia dos seus subditos, procurando allianças que perturbam a paz europea, apoiando se sobre antigas instituições absolutamente incompativeis e inconciliaveis com as novas forças sociaes que apparecem invenciveis para occupar o seu logar na historia. Ellas oppõem-se encarniçadamente, por instincto de conservação, á abolição dos privilegios, por consequencia, á egualdade politica, religiosa e economia, ao levantamento das numerosas legiões de trabalhadores cuja situação procuram suavisar por meio de palliativos transitorios e,—oh miseravel infamia—por gestos de generosidade dos chefes de Estado que os seus cortezãos exaltam nas suas poesias lyricas; favorecem a acção perniciosa da Egreja que proclama aos sem trabalho a resignação e a confiança na Virgem, emquanto vão morrendo de fome; são a origem de varios e continuos conflictos internos, pela collisão de interesses entre os povos e os reis, pela interferencia d'estes na politica externa e noutros assumptos de grande importancia, n'uma palavra, roubando e matando, suffocam nos povos os sentimentos de liberdade e de independencia. Quer dizer, d'um lado está o privilegio mais ultrajante da dignidade humana, base de todos os outros, symbolisado nos reis, no militarismo, na Egreja, e n'essa horda de parasitas que só conhecem a adulação e o servilismo rastejante; do outro, os povos martyrisados, representando o Direito e a Revolução.

Eis o que pesa sobre Portugal que depois de ver destruida a sua grandeza, é posto o saque por um regimen cuja obra tem sido puramente negativa e dissolvente, arruinando a agricultura e a industria, mas em compensação servindo as suas clientellas, entregando o ensino á reacção, *a policia das almas*, produzindo pelos seus crimes o enervamento intellectual e moral da mocidade, e para cumulo de tanta audacia, exhibe-se n'um formoso moço de 19 annos quando todo um povo se estorce na mais horrivel crise economica. Todos os trabalhadores luctando a braços com a fome, devem na presente conjunctura, tomar a attitude da revolta e da destruição contra a monarchia que os tem espezinhado por falta de educação e de organisação; devem interessar-se pela questão politica, porque a crise que agita o organismo portuguez desde 1820, não é exclusivamente economica, mas tambem politica e moral, porque o proletariado estando intimamente ligado ás demais classes e portanto affectado pelos mesmos males, não pode afastar-se por completo da obra social, que estas devem levar a effeito.

Em seguida occuparemos outro posto do combate. Unamo-n'os pois, operarios, e conscios dos nossos deveres perante o passado e perante o futuro, passemos como Turbilhão de morte sobre a sociedade portugueza, agitemo-la nos seus mais profundos fundamentos, afoguemos os inimigos do progresso, os adeantadores e adeantados, no proprio sangue dos seus cadaveres e depois, sob o sol brilhante do occidente levantaremos o novo povo, orientado pelos grandes principios democraticos, educado nos novos processos pedagogicos de forma a formarem-se homens de caracter, homens que pensem por si e não pela cabeça dos outros. Então daremos ao mundo o espectaculo grandioso d'um povo que soube soffrer, mas que soube redimir-se pela Revolução.

José Antonio Gomes

Factos e Commentarios

A prova

Quando ha dias demos a noticia de que o senhor Silva Gayo ia ser feito *comendador*, alguem houve, naturalmente por inveja, que andou espalhando e dizendo que aquelle senhor nada fizera para tamanha honra.

Ah! mas a *Providencia* não dorme!

Para calar a boca aos invejosos bastou a fita cinematografica que nas ultimas noites se tem exibido no Teatro Circo.

Agora já não ha duvidas. O senhor Gayo trabalhou muito, trabalhou até demais.

Aquilo não é um homem. E' uma *bicha de rabiar*.

\+

De bruços!

N'um livro de versos ha dias posto á venda, apparece-nos uma receita para fazer *Salada primitiva*, que tal é o titulo da poesia (?). O auctor ensina cuidadosamente como deve ser preparada a alface desde que é arrancada da horta até ao momento de ser embutida (licença para calão) pelo cavalheiro.

Ora isto é uma concorrencia desleal ao *Cosinheiro dos cosinheiros*. Apezar de não termos procuração, aqui protestamos contra o facto.

Depois de ensinar a preparar o petisco diz o auctor ao leitor:

Atira-te de bruços sobre a terra
E come-a de vagar
Philosophicamente, como um burro!

Como leitor protestamos novamente contra o conselho. Nem comemos como um burro, nem gostamos d'aquella posição.

De bruços!

Que posição tão exquisita para comer!

\+

Inventos

Entram os poetas pela sciencia.

O sr. João Gouveia inventou um apparelho para equilibrar os aeroplanos.

Vá, sr. Gaio, invente qualquer coisa!

Por exemplo — uma machina de dar vivas, para poupar as gargantas e os queixos.

\+

Para o Brazil

Bandalho vae para o Brazil, onde, ao que se diz, dirigirá um jornal da colonia thalassa. Não irá tambem o advogado dos mortos?

Não temos essa sorte. Cá o continuamos a ter no logar d'onde nunca devia ter sahido e para onde nunca deveria ter voltado depois de 31 de janeiro.

Mas elle tem cynismo para tudo...

\+

A «Revolta»

A todos os collegas que pela occasião do apparecimento do nosso semanario nos dirigiram palavras elogiosas, endereçamos a expressão do nosso profundo do reconhecimento.

IMPRESSÕES

Terça-feira passada houve na Salla dos Capellos da Universidade um *licenciado* de Direito. Um feriado por isso, e nós até lá.

O apparato do costume, grades enfeitadas, archeiros vistosos, de collarinho lavado e luvas, o respectivo bedel no seu canto, muito pensativo, advinhando desastre, o decano imponente, mais o reitor, mais os lentes em fileira pela ordem que marca a praxe, o examinando, amigos, varia gente, movimento em summa.

A ultima vez que ali entrámos, ha dois bons annos, saudosos tempos, tinhamos ido assistir ás theses do doutor Eugenio Ferreira; e hoje, encontramos sentada ali a mesma gente de então, quasi as mesmas caras a assistir. Parecia que nada mudara...

Facilmente e por acaso abeira-se-nos um amigo.

O acto começára já, e na curiosidade de informações, pormenores, entabolámos conversa.

— Fracóte, muito fraco mesmo, diz-nos.

—!

— E' verdade. Tenho assistido, e é a opinião dos *ursos*. Veja você, ora ouça, pergunte.

De ha tempo que nos constava e com insistencia, que elle ia *lá*, com certeza Os lentes queriam, ou consentiam pelo menos, gostavam até. Gosava as sympathias d'elles, e tinha estudado muito, notas muito bonitas, elevadas, *accessits*, sabia muito, embora alguem nos dissesse um dia, em tom mordaz, mas com firmeza, que elle pensava pouco, difficuldade mesmo em pensar. Maldades!

Interrogava um lente e sentimo-nos de surpreza sobre os bicos dos pés, a cabeça muito alta, e ouvido á escuta, mas, sempre a mesma voz que perguntava, que respondia, que fallava. Parecia. Engano nosso, confusão, talvez. E de sobrolho caído, deitámos ao acaso a vista estranha para o lado, como a querer achar explicação dos circunstantes.

Sempre a mesma voz, já ha tanto tempo... e o tempo corria...

— Muito boa *cunha*, segredam-nos ao ouvido.

— Mas...

— Muito boa *cunha*, muito boa! concluiram.

Na verdade o examinando, vimo-lo, nervoso, hesitante, era filho de um conselheiro rico, muito serio, de importancia, bem collocado, sem duvida, mas... ha dois bons annos, saudosos tempos, da ultima vez que ali entrámos, nas theses do dr. Eugenio Ferreira, vimos tudo tão differente, e, apesar d'isso... parecia-nos que nada agora tinha mudado... uma moldura só a mais... sentada a mesma gente de então, quasi as mesmas caras a assistir...

O acto termina. A saída é agitada, ha abraços, felicitações, algumas cartolas polidas, mais abraços ainda, apertos de mão fervorosos, muita alegria.

E novamente, o amigo de ha pouco, agora num adeus de retirada, deixa-nos estupefactos com este juizo, de chofre:

— Para o anno é lente. Um portento! Muito boa *cunha*!

Serenámos.

Pensava ingenua, precipitadamente, o amigo.

A decisão saiu.

Longe da geral espectativa, o examinando não se pudéra salvar, uns 15 valores, um convite amavel á sua abstenção dastheses. Terrivel momento, de silencio grande!

Infamia, incoherencia! diziam depois. Muita estupidez no mundo!

Porque o examinado fora sempre, emquanto alumno, classificado, *urso* de deseseis, de desesetes, de desoitos até, como premio do valor e estudo, que os mestres de agora, então, lhe encontraram.

Muita estupidez no mundo! repetiam.

Porque a emenda já não foi a tempo, feita com escrupulos, com lealdade e senso. Infamia!

E num arrazoado vehemente de protestos, muita indignação, foram dizendo, foram andando, saindo, saindo sempre...

Tanta seriedade!

Conhecia tudo bem e a todos, o bedel pensativo, a um encanto, advinhando desastre...

N

TRIBUNA DOUTRINARIA

REVOLTA...

Eis um titulo que me convem.

Eu, o primeiro dos revoltados, *Lucifer*, anjo de primacial luminosidade, nunca cessei de batalhar na barricada do Direito contra a Prepotencia, empunhando sempre bem alto o facho da razão para dissipar as trevas do Preconceito.

Foi assim ha milhares d'annos antes do advento da Humanidade sobre a Terra; foi assim quando aquella esteve a ponto de sossobrar, esmagada pelo cruel Dictadôr; o Velho Padre Eterno, tem sido sempre assim atravez da longa Historia. Assim é hoje, e assim será até á rehabilitação da Humanidade: até á sua posse exclusiva da *Terra da Promissão* da Verdade, da Bondade e da Justiça.

Metamorphoseando-me incessantemente, tenho incarnado innumeras vezes; e, se a victoria ainda não foi definitiva, grandes tem sido as batalhas, consideraveis as conquistas, colossaes os monumentos que da minha obra a Humanidade pode registar no livro d'oiro do seu progresso indefinido e imperecivel.

Antes dos tempos, o Grande Dictadôr pretendeu encetar a sua soberania monarquica e indiscutida: eu rebelei-me e constitui assembleia á parte, onde a Ordem ia luminosamente fundar a harmonia, não pelo arbitrio, mas em virtude da prarogativa da Sciencia.

Perdido o imperio sôbre os espiritos rutilantes, o Velho Padre assumiu os nomes de Elohim, Jehovah, Zeus, Jupiter, etc. e tentou assentar o seu imperio entre a nascente Humanidade que começava a libertar-se da animalidade: — metamorphoseei-me em serpente e apontei ao homem, ao Adão da fabula, qual o meio de se valorisar, eternizando-se, — cultivando a sciencia e deixando-se guiar por ella na busca ininterrupta da Verdade.

Desde esse faustuoso dia travou-se a dura peleja entre mim e o velho Deus.

Nesta peleja a misera Humanidade tem derramado o seu sangue, com elle tem regado os tortuosos atalhos por onde lhe fica a substancia aos pedaços, mas a aurora da libertação vem elevando-se impavida, coroando pela aureola de seus raios esplenderosos as cumiadas que se elevam altaneiras sôbre a mediocridade submissa ou hypocrita que eu ainda não consegui libertar.

Pouco tempo havia que pelejávamos, e já Aquelle que se diz immutavel, providentissimo, sapientissimo, etc. bradava num grito de raiva impotente e desolada que se arrependera de ter creado os homens!...

Pœnituet eum quod hominem fecisset in terra. (Gen. Cap. VI-6).

Incapaz de levar a cabo essa empreza de destruição que premeditara, começou maquinando o meio de ludibriar os homens, impingindo-lhes um contracto de subjeição a troco de bens a pagar num além, mais que hypothetico, porque é absurdo.

E o homem teria cahido na cilada, se eu não tivesse estado sempre ao seu lado, precavendo-o e instruindo-o.

Por amôr da Humanidade eu fui serpenteno Paraizo, fui Prometheu sôbre o Caucaso, fui Herachlito, cinco seculos antes de Christo, na divina Grecia, a lidima patria da arte e da razão.

Acompanhando a Humanidade, eu fui Empedocles, Socrates, Epicuro; fui Kepler, Montesquieu, Voltaire, Diderot-Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier, Lamark, Darwin, Hæckel, Buchner, Carl-Vogt, John Lubbock, Maudsley, Max-Muller, Clémence Royer, Strauss André Lefevre, Letourneau, Lombroso, Reclus e tantos outros que, elevados á barricada Scientifica, tem brandido a Razão, pleiteando pela Verdade e pela Justiça, conquistando de reducto em reducto a Liberdade porque a Humanidade anceia.

Hoje, sôb o meu proprio nome, trabalharei nesta incude servida por jovens ousadamente iconoclastas, descarregando o meu pesado camartello demolidôr que ha de levantar chispas, outros tantos pedaços de vida dos symbolos da tyrania, ou esta esteja no Vaticano e seja a tiara do Pontifice, ou assente no throno e se chame o sceptro dos reis.

E' este o meu programma: seguil-o-ei indefectivelmente

Lucifer

CARTEIRA D'UM REBELDE

Trouxeram-me, ha dias, os jornaes a noticia de que mais um corpo, que eu em tempos conheci, cheio ainda de seiva e de vigor, descera tambem a escada tenebrosa da miseria ao fim da qual os desherdados da fortuna encontram finalmente a paz eterna da eterna noite.

Para aquelles que, por um acaso infeliz, os olhos descansarem por momentos nestas linhas de dor e d'amargura, este facto tão vulgar não tem decerto a mais pequena importancia.

Com effeito o que vale uma vida a mais ou a menos no continuo e incessante tumultuar da Natureza? Por cada flor que o vento esfolha, espalha-se no ar o germen de mil outras flores; por cada vida que o tumulo arrebata, no ventre da Natureza se geram mil outras vidas...

Mas eu, que o conheci, cheio ainda de seiva e de vigor, eu não pude vencer a teimosia duma lagrima fugaz que por instantes me velou o olhar. Ah! é que elle, que descera, degrau a degrau, a escada tenebrosa da miseria e do crime, fora talvez na sua atribulada existencia uma das muitas encarnações anonymas dos heroismos obscuros que tudo enobrecem, e da dor immortal que tudo purifica.

* * *

Eu conheci-o—ha de haver uns seis annos—numa modesta villasita das velhas Beiras.

Foi por um meio dia d'um Agosto tropical, que eu o vi, aguilhão ao hombro, conduzindo uma junta de bois para o vasto tanque quadrado do chafariz, em cuja agua, levemente ondulada pelo beber d'outros animaes, o sol a prumo, implacavel como a justiça dos homens, punha reflexos dourados, verberações de luz que picavam a vista.

E, como me impressionasse a expressão do seu olhar muito negro, onde havia talvez alguma coisa da expressão que deve ter o olhar da féra ferida, a quem o caçador persegue no seu ultimo refugio, alli mesmo eu conheci a sua historia:

—«Um malandro, crivado de dividas até aos olhos!... Ninguem fiava d'elle nem um ceitil... Negava-se-lhe até o que não se costuma negar nem a um cão talvez!... Depois, desde que,—havia p'r'áhi dois annos — lhe morrera a mulher, e fôra preciso manda-lo executar para pagar uma ninharia duns cinco mil reis d'uns fóros ao Senhor Fidalgo, dera naquillo... um relaxado... sempre bebedo... e a pobre mãe, uma velhota dos seus septenta bem puxados, a finar-se de doença e de desgosto!... Que á mãe não lhe faltava nada — dizia se. Mas tambem se affirmava que houvera quem no visse, numa noite escura e chuvosa, á entrada da povoação, em attitude suspeita.... »

E, como o meu interlocutor se afastasse, mãos nos bolsos, largo chapeu desabado afadistadamente descahido para a nuca, trauteando entre dentes uma canção obscena, na descuidosa attitude de quem não tem que se queixar da sorte, eu fiquei-me absorto a meditar

nesta coisa incomprehensivel e macabra que se chama — a vida.

Então eu julguei ver desenrolar se no meu espirito, como nas fitas d'um animatographo, o quadro tragico de toda a sua existencia de réprobo e de maldito.

Vi-o vaguear de cerro em cerro, noite alta, noite funda, como o fantasma da eterna dor que em tudo vive, mãos crispadas pela raiva e labios contrahidos pelo odio feroz das supremas maldições!... Ouvi-lhe depois o arquejar rouco do peito junto ao duro grabato onde agonisaram o corpo emagrecido de sua mulher... e mais tarde o de sua mãe!... A morte roubára-lhe os affectos!... e aquelles que nunca conheceram da vida senão o seu lado bom, esses roubaram-lhe o pão!... Quanta vez, quanta vez não lhe enublou o espirito uma nevoa sangrenta... mas não.. que, para roubar ou matar, é necessario ser pelo menos, ministro ou conselheiro...

* * *

Ha dias trouxeram-me os jornaes a noticia da sua morte.

Antes assim.

Tu que foste na tua atribulada existencia uma das muitas encarnações anonymas da dor immortal que tudo purifica; tu que foste o symbolo do eterno soffrimento humano, tu que não tiveste nem um covil, que ás féras não se nega, onde dos olhos que nunca choraram escondesses a dôr da tua miseria, tu, que tanto amaste, e não tiveste uma unica mão amiga que os olhos te fechasse; descansa emfim em paz no frio leito da eterna noite, que a terra, a grande mãe, nunca negou seu seio humido e triste áquelles que lhe veem pedir abrigo. Symbolo do eterno soffrimento humano, que a tua vida sirva de exemplo...

Aquelles que são obrigados a descer, degrau a degrau, a escada tenebrosa da miseria, só dois caminhos, — qual d'elles o mais aspero — hão de tomar fatalmente: a morte ou o crime... até ao dia glorioso e bello em que o sol ardente da Bondade e do Amor venha emfim banhar a humanidade liberta.

Sherlock-Holmes.

Livro de Leitura

O distincto romancista João Grave acaba de lançar no mercado um excellente livro de leitura para as escolas primarias editado pela livraria portuense Lello & Irmão.

N'uma primorosa e elegante edição formada por uma serie de bem escolhidos trechos de escriptores portugueses que farão a delicia das creanças, conseguiu o auctor amenisar a dureza do estudo com a levesa e interesse dos assumptos.

N'esta cidade encontra-se á venda na importante e acreditada *Livraria Academica*, de que é proprietario o nosso amigo João Moura Marques, de quem recebemos um exemplar que muito agradecemos.

ENSAIOS DE CRITICA

III

A Arte é a unica flor de vida.

Schopenhauer

Abrimos um parenthesis no ligeiro estudo qne nos propuzemos fazer, para responder á amavel carta que de Lisboa nos foi enviada.

Começamos por agradecer as lisonjeiras expressões, aliás immerecidas que o distinto desconhecido nos dirige.

Di muito bem o illustre critico: é dever de governos a quem alguma coisa interesse o devolvimento mental dos portuguêses crear uma faculdade de direito em Lisboa.

Inúmeras sam as razões que tal impõem: não é esta secção a própria para as apresentar todas, visto o seu caracter exclusivamente artistico.

Como dissemos, em Coimbra tudo é mau: não queremos dizer que em Lisboa tudo seja bom; mas o poucochinho de Arte, a todos accessivel, que em Portugal existe, é lá que se encontra.

Aquelles, pois, que não téem a felicidade de poder ir aos grandes centros artisticos, só vivendo na capital alguma coisa vem.

Quantos portuguêses não ha, sobretudo do norte, que descem da sua provincia a Coimbra, e, terminada a formatura para lá regressam, a passar o resto da vida!

Poder-se ha dizer que estes homens vivem! poder-se-ha dizer que estes homens sam instruidos?

Certamente que não.

Não vivem, porque ignoram e desconhecem as mais altas, as mais puras manifestações do espirito humano.

Se a vida de hoje é cheia de injustiças, de torpezas, madrásta para todos quanto mais o não será para esses que nunca aspiraram o perfume da sua mais bella — da sua unica flôr!

Não sam instruidos, porque ignoram e desconhecem os productos dos maiores génios; homens, não sabem que outros homens como elles tem havido, que se chamaram Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, Bach, Beethoven, Wagner!

Que negra noite deve ser o dia d'esses pobres!

*

Aqui, o Orpheon academico — tentativa artistica de grande alcance educativo, que honrava os seus iniciadores —, esphacela-se corrompido pela politica — a Politica! —; e esse mesmo não tinha por fim dar concerto em Coimbra; era a Lisboa — e é ainda hoje a intenção dos orpheonistas — que iriam apresentar-se, e depois... a Paris, ao Rio de Janeiro até: a todo o mundo, emfim, excepto Coimbra.

E' como se vê bem symptomático este facto: a Arte é universal, pode cultivar-se, manifestar-se em toda a parte, menos em Coimbra!

Os próprios naturaes, aquelles que aqui vivem, o mais que fazem é ensaiar-se na Luasa-Athenas; mas produzir-se, não, isso nunca! para fóra, para qualquer parte que seja, menos a sombra da Universidade.

E com muita razão: o edificio, a *cabra*, os lentes, a *sebenta*, os beccos, o ar, a água, o americano, emfim, Coimbra e tudo que nella existe, que tudo tem maior ou menor relação com a Bastilha intellectual que a encima, sam coisas absolutamente incompativeis com a Arte.

Não é facil, infelizmente, arrancar d'aqui o estabelecimento, com raizes de séculos.

Mas, assim como os alumnos de mathemática, de philosophia, de medicina, pódem escolher entre tres cidades, que aos de direito seja dado o escolher pelo menos entre duas; que não continuem a ser uns pobres grilhetas do ensino, forçados a passar neste exilio a melhor parte da sua vida.

Oxalá que a Academia, se é ainda susceptivel de tentar coisa util, se convença da necessidade da creação duma nova Faculdade de Direito; com elle estará o pais, sem distinção de partidos, sem distinção de seitas: e assim se terá dado um grande passo no caminho do Progresso.

Grande victoria será essa: pela Vida, pela Sciencia, pela Arte!

Coimbra, 15-XII-8

Triplus

Movimento Republicano

Centro Republicano de Santa Clara.

Na terça feira ultima tiveram os socios deste centro, ultimamente creado, uma reunião, para approvação do regulamento interno, e nomeação dos corpos gerentes.

Proposto para presidente honorario e patrono do Centro o distincto clinico Dr. Luis Rosette, procedeu-se ao escrutinio, sendo eleitos os seguintes cidadãos:

Presidente—Guilherme d'Albuquerque, 1.° Secretario — Affonso Ribeiro Rasteiro, 2.° Secretario Guilhermino Dias da Conceição. Thesoureiro. — Francisco Maria Fonseca. Vogaes — José Maria Ritto — Alberto Carlos — Antonio Pires da Rocha.

Centro Mocidade Republicano Malva do Valle

Brevemente vae ser inaugurado este centro que já conta um avultado numero de socios e que terá como patrono o nosso amigo Dr. Malva do Valle.

Segundo nos consta virão assistir á festa da inauguração alguns dos mais illustres vultos do partido republicano.

Monumento a Joaquim Antonio d'Aguiar

Em Coimbra

Transporte . . .	2:763$535
José Pedro Jacob (S. Thomé). .	1$000
Aniceto da Silva Conceição (S. Thomé)	1$000
Affonso Gomes (S. Thomé) . .	1$000
José Ricardo Sobral (S. Thomé)	5$000
José de Napoles (S. Thomé) . .	15$000
Jona Levy Azancot (S. Thomé) .	10$000
João Ribeiro (S. Thomé) . . .	5$000
Joaquim de Sousa Leitão (S. Thomé)	10$000
Augusto d'Albuquerque (S. Thomé	5$000
José Mantero (S. Thomé) . . .	5$000
Antonio José Esteves (S. Thomé)	2$500
Anonymo (S. Thomé)	2$500
Augusto Guimarães (S. Thomé).	2$500
Subscripção promovida pelo dr. Salvado Motta (S. Thomé) . .	20$000
Antonio de Oliveira e Silva (Pirassumunga — Brazil). . . .	50$000
Candido da Cunha Sotto Maior (Lisboa)	10$000
H. Salle & Comp. (Paris) Fr.s 20	3$740
May e Baker, L.s (Battersea Frs. 20.	3$995
Pereira & Bacellar, Suc. (Porto) .	7$500
João Baptista de Lima Junior & C.a (Porto).	5$000
Bernardino Leite de Faria & C.a (Porto)	2$500
Guimarães, Martins & Com. (Lisboa)	2$500
Callado & Moraes, Suc. (Lisboa).	3$000
João de Lima Sertã (Lisboa) . .	3$000
João Alves Dias Guimarães (Lisboa)	4$000
Virgilio Gomes Barbosa (Lisboa)	3$000
Cassiano & Guedes (Lisboa) . .	2$500
Cunha & Formigal (Lisboa) . .	2$500
Jeronymo Martins & Filho (Lisboa)	2$500
Marques da Silva & Com. (Lisboa)	2$500
Cassiano Guedes & C.a (Lisboa)	2$500
Val do Rio & C.a (Lisboa) . . .	7$500
Marques Figueiredo & C.a (Lisboa)	2$500
Transporta . . .	2:970$770

O Thesoureiro, — *L. A. Rodrigues da Silva.*

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

«A REVOLTA»

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre	300
Estrangeiro	600

Pagamento adeantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha . . .	30 réis
Repetições . .	20 »

ANNUNCIOS

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Thelephone n.° 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALYZES: succo gastrico, fézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

II FOLHETIM

Guy de Maupassant

A CONFISSÃO

Roia-me como roem as idéas fixas. como os cancros devem roer as carnes. Parecia-me sentil-a na cabeça, no coração no corpo interior, a devorar-me como um animal.

Queria expulsa-lo, repelli-la, abriu o pensamento a outras coisas, a novas esperanças, como se abre uma janella para que o vento frésco da manhã faça sahir o ar viciado da noite, mas não podia, por um segundo sequer, fazê-la sahirdo cerebro.

Não sei como exprimir esta tortura.

Dilacerava-me a alma e eu sentia as suas dentadas com uma dôr horrorosa, uma verdadeira dôr phisica e moral.

Estava acabada a minha existencia! Como sahir d'aquella situação? Como recurar, como confessar?

E eu amava aquella que havia de ser a vossa mãe. amava a com uma paixão louca que o invencivel obstaculo ainda tornava maior.

Crescia em mim uma colera terrivel, que me estrangulava, uma co era que me levava á loucura, sim, à loucura! Com certeza eu estava louco naquella noite!

A creança dormia. Levantei-me e contemplei a.

Era elle, aquelle aborto, aquella larva, aquelle nada que me condemnava a uma desgraça irremediavel.

Dormia, de bocca aberta, escondido debaixo das roupas, no seu berço, juncto do meu leito onde eu não podia dormir! Como pude fazer o que fiz? Sei o eu?

Que força me impelliu, que poder maligno se apoderou de mim?

Oh! A tentação do crime veio sem se fazer annuuciar.

Apenas me lembro de que o coração me batia horrorosamente. Batia com tanta força que o ouvia como se ouvem as marteladas atravez d'um tabique.

Só d'isso me lembro! o meu coração batia! Na cabeça sentia uma estranha confusão, um tumulto, a perda da razão, do sangue frio. Estava num d esses momentos de perturbação, de allucinação, em que o homem perde a consciencia dos seus actos e a direcção de vontade.

Levantei suavemente as roupas qne escondiam o corpo do meu filho; lancei-as para os pés do berço e vi-o completamente nu.

Não acordou. Então, pé ante pé; dirigi-me á jadella e abri-a

Uma lufada de ar gelado entrou como um assassino, tão frio que me fez recuar; as chammas das velas agitaram-se. Fiquei de pé, junto da janella. sem coragem para me voltar, para não vêr o que se passava atraz de mim, e sentia continuamente na frente, nas faces, nas mãos o ar mortal que entrava.

Não pensava, não reflectia.

De repente uma pequena tosse fez-me seniir um tremor dos pés á cabeça, um tremor que neste momento ainda

Elle dormia ainda, de bocca aberta, todo nu. Toquei-lhe nas pernas que estavam geladas e cobri-as.

Subitamente o coração enterneceu-se-me, encheu-se de piedade, de ternura, de amor por aquelle pobre ser innocente que eu quizera matar.

Dei-lhe um longo beijo nos cabellos e voltei a sentar-me ao togão.

Com assombro, com horror pensei no que tinha feito, perguntando a mim proprio d'onde vinham estas tempestades das almas em que o homem perde a noção das coisas, a auctoridade sobre si proprio e procede como que embriagado sem saber para onde vae, como um barco no meio de um furacão.

A creança tossiu outra vez e eu senti sinto na raiz dos cabellos. E num movimento de louco fechei bruscamente ajanella e corri para o berço.

que se me despedaçava o coração. Se elle morresse! Meu Deus! Que seria de mim?

Levantei-me para o ver e com um castiçal na mão debrucei me sobre elle.

Vendo-o respirar com tranquillidade animava me já; quando tossiu dela terceira vez. Senti um grande abalo e fiz um movimento para traz, como se faz quando se vê uma coisa que nos horrorisa, um movimento tão violento que deixei cahir a vela. Abaixei-me para a apanhar e ao levantar-me notei que tinha as fontes inundadas de suor, d esse suor quente e gelado ao mesmo tempo, que é produzido pelas angustias da alma como se atravez dos ossos e da pelle do craneo transpirasse alguma coisa do terrivel soffrimento moral, d'essa tortura iudiscriptivel que é tambem ao mesmo tempo ardente como o fogo e fria como o gelo.

Até romper o dia fiquei inclinado sobre o meu filho, socegado quando elle estava tranquillo e cheio de dôr sempre que da sua bocca sahia a tosse, por fraca que fosse.

Elle acordou com os olhos vermelhos, a garganta tomada, um ar de soffrimento. Quando chegou a creada mandei-a á pressa chamar um medico. Chegou d'ahi a uma hora e depois de examinar a creança perguntou:

— Apanhou frio?

Começei a tremer como um velho e balbuciei:

— Não, creio que não...

E logo perguntei:

— Porquê? E' grave?

O medico respondeu:

— Por ora não sei. Volto á noite.

A' noite voltou. O meu filho tinha passado todo o dia num profundo lethargo, tossindo uma vez por outra. A' noite declarou-se uma pneumonia.

Passaram se dez dias. Não posso descrever o que soffri durante as interminaveis horas que separam a manhã da noite e a noite da manhã.

Morreu.

. . . . . .

E desde então... desde esse momento não se passou ainda uma hora sem que a lembrança atroz, cruel, essa lembrança que dilacera, que parece torcer o espirito até o despedaçar, deixasse de me atormentar, de me morder como um animal escondido no fundo da minha alma.

Oh! Antes tivesse enlouquecido!...

. . . . . .

Poirel de Voulte tirou a luneta com o movimento que costumava fazer quando acabava de ler um contracto, e os tres herdeiros do morto olharam uns para os outros, sem darem uma palavra, pallidos, immoveis.

Passado um minuto, o notario disse:

—E' preciso destruir isto.

Os outros dois concordaram com um movimento de cabeça.

O notario accendeu uma vela, separou cuidadosamente as paginas que continham a compromettedora confissão d'aquellas em que havia as disposições sobre bens e depois de as chegar á chamma da vela lançoa-as na chaminé.

Viram arder as folhas até se consumirem. Dentro em pouco não eram mais do que um pequeno monte de cinzas negras. E como se percebiam ainda algumas letras que appareciam a branco, a filha com a ponta do pé esmagou a ligeira camada de papel queimado misturando-a com as cinzas do fogão.

Depois ficaram os tres alguns tempos olhando para os restos como se tivessem receio de que o segredo queimado fugisse da chaminé.

(*Conclusão*).

AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.ª

R ROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapeus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'ellastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se as senhas do «Bonus Conimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.

Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastellaria em todos os generos, especialisando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saueisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo systema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generosos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Conducção gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

---

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — **Coimbra**

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que affirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrencia, apezar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos Grandes Armazens de Lisboa, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1$350, 2$320, 2$800, 4$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Piugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor. para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2$500, a	1$200
Cobertores grandes, em flanella, muito finos, seu valor 1$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos. etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, **que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep is arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.**

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Luzitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V .d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialiãade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Escovas para dentes, cabello e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sóes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

N'este estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE **José Correia Amado**

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — **Coimbra**

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.os 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pellaria estrangeira, e garante ao freguez o calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Semanario Republicano Academico

Director e proprietario
Ramada Curto

Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6

Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

N.º 4 | COIMBRA — Sexta-feira, 25 de Dezembro de 1908 | ANNO 1.º

Registando

Depois das manigancias, que em volta do ministerio Amaral, os politicos conservadores vinham fazendo aguilhoados pela reacção catholico-palatina, nos ultimos dias da semana passada convocou a corôa o Conselho d'Estado para tomar-se uma resolução—sobre o estado politico . . . dos partidos.

O sr. Vilhena, que não teve coragem para aventar no jornal de sua direta responsabilidade uma tal solução, trouxe-a a publico por intermedio do sr. Zeferino, que com o dedo magico de *Dunguinha* a começou a apontar como modo da corôa resolver a crise creada pelo poetico chefe da Regeneração.

O sr. Vilhena foi assim para o rei — um amigo dos diabos. E o sr. D. Manuel, que pelos vistos ainda não leu a *Carta* que o seu expresidente do conselho lhe ofereceu, o rei a quem o Dr. Montenegro decerto não interpretou as mais preliminares disposições constitucionaes, reuniu o Conselho d'Estado para cobrir uma responsabilidade sua, a unica que a *Carta* lhe impõe, a de «nomear e demitir livremente os seus ministros».

Mais: no art. 110 da mesma Carta expressamente se impõe ao Poder Moderador a obrigação de convocar e «ouvir o Conselho d'Estado em todos os negocios graves e medidas geraes de Publica Administração», excetuando-se o § 5.º do artigo 74, a que acima nos referimos.

Mas o pobre senhor Montenegro nunca ensinou isto ao rei e *Dunguinha*, apesar de toda a santidade que se respira nas Necessidades, conseguiu têr pezo no animo do monarca, que não viu a cauda pelada do esperto mafarrico!

Um amigo dos diabos, aquelle sr. Vilhena!

E o sr. D. Manuel (porque o exemplo é de fraca data e é de temer), não querendo fazer nada que possa ter parecença com um governo pessoal, foi assim arrastado a uma inconstitucionalidade, que tem mais graves consequencias do que á primeira vista se pode calcular.

Efetivamente, neste paiz em que o precedente é tudo e em materia constitucional em que o costume tem uma enorme força sobre a evolução dos principios estatuidos, levar o Conselho d'Estado a votar a demissão ou conservação dum ministerio é crear acima das côrtes um corpo politico, uma nova camara de nomeação regia, capaz de num amuo ou numa curvatura perante o chefe da nação aniquilar ou desviar a politica geral do rumo, que os verdadeiros representantes da soberania — os deputados — lhe tenham dado.

Assim o entendeu já o sr. Julio de Vilhena, que apenas se queixa de que ele, *o chefe vitorioso da oposição que derrubou o governo*, não fosse chamado a constituir ministerio.

E aqui uma *bisca* á corôa!

Amigo dos diabos! . . .

Entrou mal o juvenil monarca.

Foi este o *seu* primeiro ato publico e preferimos attribuir o desastre *á sua incompetencia* a têr de o lançar, como poderiamos fazê-lo, á conta, de grave prenuncio dum futuro governo de predominio absoluto do rei e da oligarquia de que se quizesse cercar.

O exemplo é de fresca data e é de temer!

Ainda devemos acentuar a dolorosa impressão feita de revolta e de desespero, que a votação do Conselho d'Estado nos veiu produzir.

Misturada á primeira intervenção do rei na politica, resurge-nos a reacender odios e a dominar *lá dentro* a reaceonaria quadrilha de malandrins e de mesquinhos salteadores da ultima ditadura!

— Mal acompanhado anda o soberano, não tardarão a bradar na oposição os amigos do trono.

Mas foi o sr. Vilhena, chefe dos conservadores (se é que a distinção ainda hoje se mantem), que aproveitou e deu importancia a quem não a tinha, e se vergonha e respeita pelos sentimentos dum filho inda tivesse, nem ao paço teria ido.

E' assim esta *canalha dourada*, como lhes chama os sr. Alpoim!

*

Na sesolução da crise duas clausulas apenas quer resalvadas o sr. Julio de Vilhena: *a integridade do partido regenerador e a salvaguarda das instituições.*

Deve ser esta mesma a ordem das preferencias que o espirito do grande estadista a si impõe.

O paiz com o seu *deficit* financeiro, commercio arruinado e agricultura perdida, nenhuma importancia tem para a monarchia que apenas pretende salvar-se, e aos bandos que a cercam, da provavel ruina de que começa a convencer-se estar ameaçada.

Pouco interesse nos desperta a solução dada como resolutivo aos engulhos produzidos nas altas regiões pela Makavenquice do senhor Amaral.

Dois factos apenas nos cumpre registar.

O ministerio caíu em face duma conspiração palaciana, sem indicação alguma constitucional, que o obrigasse a abandonar o poder.

Desempenhou o primeiro papel na farça, que foi mister representar, o chefe d'estado, que assim entrou na politica do paiz, inflingindo a Constituição e estabeleeendo um precedente para temer, mórmente num periodo de mal segura legalidade, como neste que de ha tempos vimos atravessando.

Foram atendidos os caprichos do sr. Vilhena e dos poucos amigos que o seguem.

O franquismo tem sido chamado a colaborar nos destinos politicos do paiz.

A vacilação e as dificuldades, que se levantam aos indigitados presidentes de conselho, deixam transparecer a reconhecida instabilidade das coisas portuguêsas, começando a chamar a atenção do estrangeiro para a resolução duma crise, que assim vae tomando ares de ser menos politica, que nacional.

Arquivados estes factos restanos apenas esperar a abertura de côrtes para vermos até onde vae a desvergonha dos politicantes portuguezes.

P. J.

MIUDEZAS...

Aquelle pobre do Dr. Penteado com aquella mania de ser amavel! Ficara-lhe ella, dos tempos aureos, em que, nas suas salas aristocraticas, com dois calices de vinhos differentes, um em cada mão, perguntava ás senhoras, já com um brilho de genebra na pupilla.

—V. Ex.ª de qual toma? «Medoc» ou «Chablis»?

E como ellas dissessem, ao acaso, Medoc, ou Chablis, o Penteado, sempre amavel, como já não sabia em que calix estava o liquido preferido, provava-os primaro a ambos e só então:

— Medoc? — Medoc é este . . .

— Chablis? — Chablis é este . . .

Oh! era tradicional a amabilidade do Penteado!

E era por isso que elle alli estava agora, no «bufete» do club, diante da ceia que encommendara para o baile — porque, emfim, as pobres senhoras sempre teriam appetite, lá pela noite adiante! — e sem saber como se havia de livrar d'aquella, depois que o director de semana, o nobre conde de S. Francisco, lhe dissera furioso — que a pagasse elle! que ninguem lhe encommendára o sermão!

Que a pagasse elle! Uma destas! . . .

— Pelintra! Fome-negra! E dizse este alarve descendente de Fuas Roupinho! . . . — resmungava o Penteado, coçando a cabeça.

E o peor è que na sala do baile toda a gente ouvira o ruido da altercação; tinham vindo á porta espreitar e o «brutamontes» do S. Francisco, pozera á prova a sua generosidade com os berros de «pague-a você! puxe os cordões á bolsa já que foi abelhudo!»

Uma d'aquellas! . . . Eram para ahi trinta mil reis . . . Oh! tempos aureos, tempos aureos! Muito bons bocados tinha aquella alimaria do S. Francisco, comido em casa d'elle Penteado!, . . E agora era aquillo!

— Besta! Imbecil! por isso toda a gente t'o chama! — desafogava o pobre homem.

Em pé, diante d'elle, o fornecedor da ceia, olhava-o, compadecido.

As coisas durante o anno não lhe tinham corrido mal . . . O negocio prosperava. Tinha havido «bailaricos», reuniões, «pic-nics» da gente fina da terra, e elle fôra o fornecedor de tudo... Que demonio! A occasião talvez fosse azada para ter um rasgo, uma coisa vistosa, reclame á casa, diante de toda aquella gente . . . Dinheiro já elle não via naturalmente . . .

— Não se aflija sr. doutor! a ceia offereço-a eu . . . exlamou, finalmente, batendo no hombro do Penteado . . .

Pobre homem! Com que commoção elle lhe apertou a mão, com ambas as suas e balbuciou:

— Obrigado! obrigado meu amigo . , . Nem calcula quanto lhe fico devendo . . .

Eram trinta mil reis. Uff! . . .

E tudo ceou, tudo comeu! Na sala correrram as bandejas, e á porta o fornecedor animava as damas que hesitavam, triumphante, todo cheio de si, gosando a sua generosidade feita a toda aquella gente — «a alta roda», «a elite da terra»:

— Não se acanhem minhas senhoras! E' de graça! é de graça!

As senhoras iam comendo os «croquettes», as «sandwichs», os «bolinhos d'ovos»; com risadinhas, achando graça á filaucia do pasteleiro . . .

— E' de graça! é de graça! . . .

Os homens riam tambem, disfarçando o vexame, lançando olhares de revez ás «empadas», aos bolos, sem se atreverem . . .

O S. Francisco, esse estava furioso. Era uma torpeza, um vexame, um ridiculo unico! Elle não fôra feito para aquellas coisas. Descendia de D.

CELEBRES... DE BORLA

Licção de chimica

«Nada se perde»! — a lei é verdadeira. —
«Nada se cria»! — ha só uma excepção:
— Deus fez os mundos por outra maneira
Fê-l'os do nada, em minha opinião . . .

Moído o trigo, reduzido a poeira.
Tem-se a farinha p'ra fazer o pão . . .
— Diz isto toda a gente e é asneira . . .
Só a egreja n'isto tem razão! —

Deitem em agua um pouco de farinha,
Façam uma bolacha redondinha
E rezem-lhe uns latins que, depois d'isto,

Não fica nada do que a gente pensa,
— Meditem bem nesta verdade immensa!
Não fica pão, mas fica Jesus-Christo!

Dr. Watson

Fuas Roupinho! *E acolhera-se, resmungando no vão d'uma janella.*

A condessa, a nobre condessa de S. Francisco, passava junto d'elle, sorridente — aquillo afinal era engraçado! *O homem dos pasteis parecia alguem*! . . .

Todas as senhoras se serviram e ella, a nobre condessa, tambem não poinha duvidas em acceitar o favor de plebeu . , .

— O' condessa . . . *— chamou baixinho, o S. Frascisco* . . .

— Conde . . .

E baixinho, muito baixinho, o nobre fidalgo, o descendente de D. Fuas:

— Veja se me arranja uma empadinha, uma de marisco, mas . . . *sem dar nas vistas* . . .

Sherlock-Holmes

AVANT L'ORAGE

A plebe agita-se

Aquelles em quem ella tinha posto a sua ultima esperança deram-lhe em troca a mais crúel das desilusões.

Os que ella arrancara do nada com os seus braços musculosos de trabalhador gigante, só tiveram lá de cima um escarro de agradecimento.

Viu-os depois tripudiando infrenes, sobre as ruinas da derrocada immensa, que gerações de malvados tinham provocádo.

E, d'alma alanceada, mas heroica, mas sublime, lá ia de olhos no chão, caminho da officina, caminho da lavoira.

Tinha ás vezes um gesto de revolta que a matilha do pretoriano afogava em sangue.

E ella que foi ao Brazil e á India, que fez o Salada e Aljubarrota, que criou os Jeronymos e a Batalha e que escreveu com o seu sangue redemptor essa pagina de epopéa que se chama a historia de Portugal, lá continuava, fronte abatida na labuta immensa do pão de cada dia.

A massa parasitaria, voraz e amorpha ia augmentando cada vez mais; e os comilões que vinham dum casarão que fica lá para as bandas de Coimbra — iam engordando sempre.

Tudo corria ás mil maravilhas... Mas um demonio negro, mysterioso e forte apareceu, ninguem sabe d'onde, e a sua mão tisnada imprimiu ao leme da vida nacional uma volta rapida. E a barca que ia a todo pano a esfacelar-se nos cachopos da praia virou a prôa para o mar e continuou navegando para o seu destino. Qual elle seja, não é preciso ser propheta para adivinhar.

A plebe agita se! ? — *porquê* ?

A resposta anda escripta em milhões de ventres, anda pintada em milhões de boccas.

Porque a massa anonyma, que continua ainda o pranto que encetou no dia funebre de Alcacer-Kibir, quer comer e não no tem. A terra não o dá; os annos vão desgraçados; a lavoura guarda os ultimos alqueires de milho porque o inverno entrou e a noite que se avisinha caliginosa e incerta apavora as almas.

A fabrica vae despedindo os primeiros operarios e vae apagando as primeiras fornalhas.

A industria é morta.

Para quê produzir se a procura é nulla?

E o commercio?

Que importa ao snobismo burguez que vae afrontando as primeiras chuvas do alto das suas galochas de caoutchouc e de dentro do seu waterproof de bôa marca ingleza, que as montras a que se encosta, para ver passar a femea tenham os taipaes sellados pela mão da justiça?

Que lhe importa a elle saber a razão porque o commerciante que todos conheciam trabalhador e honrado deixou de cumprir?

E as contribuições, augmentando sempre, e o fisco eternamente insatisfeito, redobrando de exigencias, lançando mão das ultimas migalhas.

Por outro lado a civilisação, mascarada em luxo, em commodidade, em decencia, entrando na familia e augmentando-lhe as necessidades, tornando a vida um inferno.

Oh! Isto não é pessimismo jeremiadico, oxalá o fosse; é a terrivel lição dos factos. E agora que o leão começa a rugir, os senhores da situação, em vez de confessarem a sua inepcia, pizam os corredores do Alcaçar ruminando *habilidades*.

Ah!... Não é com pontaria ao centro do alvo que elle se callará. Não; esse elixir falhou...

E os mais prudentes contentam-se com levantar os narizes para o furacão que vem perto, num ar immovel de interrogação idiota.

Cautella, muita cautella vós que tendes a faca e o queijo.

Só um terramoto vos salvaria, mas esse mesmo podia fazer oscillar os refegos sebaceos da vossa pansa satisfeita e... pôr-vos a digestão em perigo. Cautella... muita cautella...

Haveis de cair. Nada vos salvará.

Isto não vem no livro de S. Cypriano, nem no Almanaque da Bruxa d'Arruda.

Não; tem um caracter de mais positiva certeza, vem no Taine, chama-se a Fome e foi a grande causa de 89.

E hoje, e sempre por causa della:

— A plebe agita-se...

L. G.

EXPEDIENTE

Devido aos dias santificados destas ultimas duas semanas do anno temos de fazer saír o nosso jornal nas sextas-feiras. Perdoam a mudança os nossos leitores.

Factos e Commentarios

O Sr. Gayo

Escreve-nos um amigo e entre outros coisas pede-nos que poupemos o sr. Gayo porque o sr. Gayo é boa pessoa, tem talento, é um Zeloso funccionario, etc., etc.

Mas quem o contesta?

Tudo isso nós sabemos e longe de nós a ideia de dizer o contrario.

Zeloso funccionario é, não ha duvida. Sobretudo na parte — mestre de ceremonias.

E' vêl-o na fita do animatographo.

Talento dizem que tem. Não podemos affirmar, mas tambem não negamos.

Quanto a boa pessoa tambem não ha duvidas. E' absolutamente inoffensivo.

Inoffensivo e divertido.

Já vê o nosso amigo que não tem razão.

O sr. Gayo é crédor de todaa nossa consideração e sympathia.

E se não lhe pagamos a divida é porque é um bom crédor. Não nos bate á porta...

Quem seria?

«Cada funccionario tem um ordenado mensal que é a duodecima parte do ordenado annual.»

Phrase profunda que ha dias ouvimos na sala dos capellos.

Quem a diria?

O' 22, apita

Num pacato café uns pacatos burguezes jogavam pacatamente o seu marimbo quando Sherlock entrou triumphante, mão na durindana, e desatou a *operar* como aquelle seu collega com que Gervasio Lobato nos tem feito desopilar a figadeira tantas vezes.

Operou e aprehendeu uns magros cobres que estavam na mesa.

E, não fossem fugir os facinoras, bradou:

— O' 22, apita!

O 22 apitou, a sua gente chegou e a leva marchou.

Ora bolas!

Licenciado

No dia 21 do corrente fez acto de licenciado na faculdade de Direito o nosso presado amigo e correligionario Dr, Antonio d'Abranches Ferrão, sendo approvado com 17 valores.

O seu acto foi mais uma prova do seu valôr sempre affirmado durante a formatura.

De ha muito apreciamos as qualidades de intelligencia, de trabalho e de caracter do Dr. Abranches Ferrão e por isso d'aqui lhe enviamos o nosso apertado abraço de parabens.

Os Exotherikos

Assim se chamam meia duzia de *literatos* que para ahi andam, vivendo do *elogio mutuo* e da benevolencia criminosa dos criticos.

E' d'elles o seguinte documento que ha dias foi afixado na Porta Ferrea.

«Aos Exothericos;

Impetra-se dos Akademikos Exotherikos que nam faltem ao Synodo II que se realiza hoje ás III horas e 37 minutos post meredianas em casa de Erasmus.

Rabelais e Campanella descritiarám sobre a ΠΙΝΑΚΟΕΚΑ.

Cyclo I, no Sol da Lua de Tacito

O Scriba

Fran v Rabo.....»

As reticencias que seguem o nome do Scriba são nossas em substituição de caracteres ininteligiveis.

Dizem que o chefe do grupo é o senhor conde de Monsaraz.

Deve ser.

Pelo Instituto

Foi ha dias eleito presidente do Instituto de Coimbra o senhor conde de Felgueiras, (antigamente Dr. Assis Teixeira).

Ainda bem que se fez justiça. S. Ex.ª é realmente digno de tamanha honra. A sua obra artistica e scientifica é monumental (só de Legislação Fiscal sam mais de 2:000 paginas).

O seu livro sobre Finanças que, como é de lei, publicou ultimamente, seria o bastante para o consagrar num outro paiz que não fosse o nosso.

E' tambem conhecidissimo o seu livro sobre aguas que divide em *astractas* e *concretas*, assumpto que fica absolutamente esgotado na *parte unica* dessa bella obra.

Um bravo, pois, aos eleitores.

Sherlock traduzido

Numa das ultimas noites fomos sobressaltados por fortes e repetidos apitos quando atravessavamos tranquilamente a Rua Ferreira Borges.

Inquirindo do caso fomos informados de que se tratava nem mais nem menos que dum assalto a uma casa de jogo.

O Elegante comissario de policia, em pessoa, dirigia tam arriscada operação.

Ao que nos consta, o senhor Chrystovam Ayres, seguindo as pisadas do celebre Scherlock Holmes cujas memorias traduziu, houve-se com uma finura admiravel. Sem ninguem lho dizer, mas só porque encontrou cartas e treze vintens e meio, concluiu immediatamente que se estava jogando e vá de dar vóz de prisão a toda a gente.

Tem-lhe feito bem a leitura das «Memorias do Policia Amador» não ha duvida.

Ainda no verão passado desconhecia absolutamente a *arte da policia* e tanto assim que na Figueira da Foz todos os banqueiros o conseguiram enganar jogando-lhe nas barbas da cara, como se costuma dizer.

A's vezes um policia da secreta vinha segredar-lhe que lhe parecia ter ouvido um rodar de *bogalho*, e logo S. Ex.ª ingenuamente acudia a dizer que talvez fosse engano — era talvez *barquilheiro*.

Mas agora esperem-lhe pela pancada...

Auto da Vida

E' o titulo duma obra theatral em verso que os senhores Felix Horta e Luciano Mont'Alverne fizeram representar no Theatro Michaelense de Ponta Delgada no dia das bodas d'oiro literarias de Theophilo Braga e que amavelmente nos foi oferecido por intermedio do proprietario da Livraria Academica, o sr. Moura Marques.

Vamos ler e depois diremos de nossa justiça.

Conto do Natal

Em folhetim publicamos hoje esta preciosa joia litteraria que a alma delicadissima do falecido artista Fialho d'Almeida, agora transmigrada para o corpo dum franquista alemtejano, concebeu e executou na epoca mais bela e mais exuberante da sua vida.

Falta de espaço

Por absoluta falta d'espaço não podemos publicar hoje os artigos d'alguns dos nossos amigos e cslaboradores, do que pedimos desculpa.

Irão no proximo numero.

Coisas da Universidade

Aulas fechadas

Neste artigo e em outros que se lhe seguirão vamos fazer algumas ligeiras considerações sobre coisas extravagantes que se passam a dentro das grossas paredes do casarão universitario.

Não vamos criticar processos de ensino, que para isso não temos competencia.

Sobre o assumpto muito ha que dizer, certamente, mas outros mais auctorizados se encarregarão d'essa tarefa.

Limitaremos as nossas considerações a modestamente tratar de certas coisas exquisitas que por lá apparecem.

Começaremos por uma que se nos afigura ser de maior importancia.

Referimo-nos ao facto de na faculdade de Direito haver duas cadeiras que neste anno lectivo não começaram ainda a funccionar.

Julgará decerto o leitor que estamos fazendo *blague*, tão extranho é o facto.

Pois fique sabendo que é a pura verdade, juramos pelo nosso futuro grau.

Ha na faculdade de Direito duas cadeiras que ainda estão por abrir.

E quaes julga que são?

O sagrado *Direito ecclesiastico*?

O massudo *Direito romano*?

Não senhor, não é nenhuma d'essas. Essas estão abertas, e até na primeira, como se desse o caso de o proprietario abandonar a regencia, immediatamente se tratou de o substituir, não fossem os rapazes deixar de conformar as suas acções com o espirito de Deus encaminhando-se á bemaventurança eterna, como se diz no compendio adoptado.

Não são essas as cadeiras fechadas

FOLHETIM

Conto do Natal

POR

Fialho d'Almeida

Ha-de passar talvez das onze horas. A noite afinal pôz-se serena, não bóle vento, as solidões escutam...— é como se a terra inteira estivesse á espreita d'ouvir tocar o sino para a missa. Pela estrada que passa entre a Villa de Frades e Vidigueira, vem descendo uma velha arrumada ao seu bordão de pobresinha. O rastejo dos passos dir-me-hia porventura a edade d'ella: o luaceiro entanto, nuverinhado em céo de bruma, apenas deixa aperceber a silhueta curvada para a terra, com um pedaço de manta sobre os hombros, o sacco ás costas, e as canellas sem meias, entrapadas em ligaduras repellentes. Ao pé da ponte a mulher pára. Por detraz d'aquelles choupos, lá em baixo, á beira rio, havia n'outro tempo um forno de tijollo, agora pelo inverno abandonado. Ella adeanta-se, procura... A estrada passa d'alto ladeada d'acacias e eucalyptus. E de redor, nos plainos baixos, as escavações do barro espapam-se, nas aguas da cheia, em lugubres lameiros, cujo hervançum dá residencia a uma colonia rouca de sapos.

A velha estende o bordão para a barreira, procurando vereda n'um chão firme, em cujo barro os seus pobres sapatos rotos não mergulhem.

Mau grado o embrutecimento da edade, o frio, a fome, e o desejo d'amosendar para alli, no forno de tijollo, longe das apupadas dos cães e dos rapazes, uma nostalgia poetica ergue-lhe a vista, e então recorda-se, e quer circumvagar os seus cançados olhos para o largo. E' uma esqueletica paysagem de dezembro, nua e cançada, quando já a natureza se alquebra toda em desalentos. e os troncos das arvores parece que estrebucham, como os famintos de Londres, n'uma bebedeira d'odio, truculenta. No primeiro plano ha terras de vinha, olivaes muito negros, e colinas redondas com moinhos. Para as bandas da Vidigueira risca a neblina um traço negro, que deve ser a torre do relogio — depois, á direita, uma mancha de cal, o cemiterio. Lentamente, á medida que o raio de visão se prolonga no horisonte, os outeiros complicam-se, as fórmas perdem sua delineação traço por traço, e toda a cordilheira dir-se-hia pintada n'uma successão de pannos de theatro, a cinza claro, e gradações mais e mais desvanecidas.

Oh! que socego! uma divina essencia, abstracta, etherea, vem oscular as urzes e as levadas. Do seio das negridões, de quando em quando, brotam suspeitas de fórmas vagabundas, a branco cinza: esboços de sonhos, almas erraticas que debandam, noitibós que se acolhem, friorentos na noite, ás pedras da ruinas... Vem um accorde triste dos cardos seccos d'á margem dos alquêves, dos pilriteiros sem folhas, e dos zambujos frugaes das ribanceiras. E as aguas do ribeiro troam nas pedras, por entre as cannas e os choupos, cujam varas se esfalripam nos ares, tisicas e brancas, com um ou outro corvo por folhagem.

Da outra banda são semicirculos de terras e valados, com freixos altos em silhueta no tom madreperola da lua, e alternativas de negro e zonas claras, que dir-se-hiam feitas n'um desenho a carvão, com lapis prateado.

Todas aquellas brancuras vem do extremo horisonte aos olhos da mendiga, por suspeitas, desagregadas das formas, abstrahidas do resto da paysagem, e todas poderiam interpretar-se como effeitos de neve, de luar, d'agua dormente, tanto a neblina enche de phantasmagorias a noite, e presta uma alma incoherente áquella scenographia de ballada.

Ha porém no sopé d'aquelles montes um ponto que a velha anciosamente procura. E' o pequenino convento de capuchos que alveja da banda de Villa de Frades, derrocado, entre oliveiras. Lá corre o muro da cerca, té se perder n'um grupo de cyprestes. N'aquella cerca, já depois de profanado o conventinho, era antigamente o cemiterio: um cemiterio-sinho d'aldeia, com malmequeres e figueiras bravas, craneos á solta, e nenhuma cruz ou mausoleu commemorando a jazida de qualquer. Alli repousam os parentes e amigos da pedinte, paes e irmãos, filhos e netos: só ella, errante de povo em povo, sem um affecto que a proteja, sem uma bocca amiga que a console, vae pelo mundo a mendigar de porta em porta!

Vinte e dois annos passaram depois que ella abalou da sua terra, e quatro ou cinco vezes lhe succedeu passar alli como estrangeira, com os olhos no chão, corrida de vergonha, vendo a igreja aberta e tendo medo d'entrar, passando ao rez-véz das casas ricas, e arreceando-se de pedir esmola á creadagem: e depois ao toque das trindades, noite fechada, detendo-se a escutar de longe os conhecidos rumores do logarejo. Oh, essa chafranafra da volta do trabalho, com guizadas de mulas tintinnando, estrupidas de carros desferrados, e as boas noites trocadas, os cavadores cantando em coro pelos caminhos, a crepitação da lenha nas lareiras — e depois no boccal das fontes, o mulherio que pousa os cantaros, e entre risotas commenta as picarescas historias da semana!

E' quando n'uma melancholia doce o dia morre, e grandes nuvens esmagam no poente as vermelhidões crepusculares. E' quando uma exhalação envolve as cupulas das arvores, e das terras molhadas, claridades ephemeras phosphorejam, e uma vóz corre e suspira á flôr das hervas.

Pois acabou-se, acabou-se! E a triste da mulher desce a barreira, agredida por tudo, as recordações, a noite, o frio, a fome... Não, não repousará entre os demais, no pobre cemiterio da sua aldeia, em que avoejam corujas e francelhos: a casa onde nasceu foi demolida: arrancaram a vinha que o marido plantára, ha cincoenta annos, com solicitudes de bom cultivador: e ninguem na villa já se recorda da Josepha, a viuva do Pratas, mãe d'uma filha bonita que anda agora nas feiras, de cigarro, e passa o inverno em braços de soldados, n'uma viella infame d'Estremoz. Ao acercar-se do forno, uma claridade viva a surprehende. O alpendre ficava do outro lado, n'uma descahida brusca do monticulo, e alli está gente, ha fallas de homem...— ai pobre velha! aonde ha-de ella ir passar a noite áquella hora?

Por um momento ainda ella faz um passo para costear o forno, e ir pedir agasalho á fogueira de quem quer se acoite no telheiro. Mas logo em seguida reflecte. Que qualidade de gente será? Recebel-a-hão com caridade? Um vago terror se apossa dos seus membros: pé ante pé busca afastar-se... Mas como tem as pernas e os braços regelados! Um torpor lhe paralysa os movimentos, anestesia-lhe os dedos, e peza-lhe nas palpebras com somnolencias de chumbo. Nos campos paira um socego terrivel e perverso, em cuja abobada se respondem os latidos dos cães, pelas malhadas. A geada branquea o alquêve das cou-

As cadeiras fechadas são a de *Direito penal*, no 4.º anno, e a de *Pratica extra-judicial*, no 5.º

São estas duas cadeiras, de tanta importancia na vida pratica do bacharel em direito, que até agora, isto é, até ao fim da primeira epocha de aulas, ainda não abriram.

E não abriram porquê?

Porque os respectivos lentes são deputados. Mas, dir-se-ha, as camaras não estão funccionando.

Não importa. Os lentes são deputados e por isso as suas cadeiras não abrem, com manifesto prejuizo do ensino e portanto dos alumnos.

Estão impedidos aquelles lentes? Para esses casos é que ha o quadro dos substitutos.

Mas esse quadro que é de quatro tem... quatro vagas.

E essas vagas não são prehenchidas emquanto não houver *encapellados* para concorrer.

Espera-se que sáia a ultima fornada para então se completar o quadro da faculdade.

E entretanto o tempo vae passando, já lá vae a primeira epoca escolar, estamos em ferias de Natal, e os alumnos de duas cadeiras das mais importantes do curso ainda nada conhecem das respectivas materias porque ainda não tiveram aulas.

Nem se sabe quando terão.

E aqui teem os senhores como as coisas correm por lá.

Mas não nos admiremos.

Não vimos ainda ha dois annos, quando da greve de triste memoria, fazerem-se actos tendo havido aulas apenas até fevereiro?

Não nos admiremos, pois, do que se passa no anno corrente.

Tudo como d'antes.

Abençoado paiz!

Abençoada Universidade!

C.

ENSAIOS DE CRITICA

IV

Em musica, tudo é melodia.

Ricardo Wagner

E' frequente ouvirmos dizer que, em Wagner, não ha mellodia; nada mais falso: em Wagner não ha outra coisa; a sua musica é uma sobreposição de melodias, quase sem acompanhamento.

Uma outra accusação que é de uso fazer-se ao Mestre é a de que é aspero, duro nos accordes, por vezes estranhamente dissonantes; estas durezas existem somente quando a situação dramática as requere; nos outros casos apenas se notam no piano, e é preciso não esquecer que Wagner não escreveu as suas partituras para piano: na execução symphónica desappareceu, devido á escolha dos instrumentos e variedade dos timbres.

Talvez alguem diga que já notou taes asperezas na propria orchestra, nas differentes representações que em Portugal se teem dado: mas isso é porque as orchestras dos nossos theatros não teem a constituição propria para essas execuções; entre nós, nunca se tocou Wagner; apenas imitações grosseiras.

*

O papel especial da música, na obra wagneriana, é pôr o ouvinte em communhão com o espirito da personagem, mostrar os escaninhos do pensamento, toaná-la como que transparente, de forma que o ouvinte a conheça melhor ainda do que ella propria se conhece.

Por isso ás vezes a musica está em contradição com a letra mas nunca com a acção: se a personagem em scena fôr ardilosa, falsa, astuciosa, subtil, a orchestra, pelo seu commentário, revela-nos a mentira e mostra-nos as razões do seu procedimento, mesmo que este não seja propositado.

*

Voltemos á melodia, o primeiro dos elementos constituitivos da música.

A melodia wagneriana não está sujeita ás leis da homophonia, não tem uma tonalidade única, nem termina por cadência perfeita; d'ai, a errónea affirmação dalguns, a que já nos referimos.

E' a melodia livre e infinita, isto é, não terminada, encadeando-se sempre a outra; é uma séria ininterrupta de contornos melódicos com caracter mais ou menos vocal.

A maior parte das vezes é á orchestra que incumbe esta melodia perpétua; fica assim o cantor com toda a liberdade de declamação musical.

Sam pois as duas caracteristicas principaes do estylo wagneriano: sinceridade absoluta do accento dramático, ligação intima e permanente deste com o trama symphonico.

*

Ha ainda um outro elemento constituitivo do trama melódico de extrema importância: o *leit-motiv*, quere dizer, o motivo conductor.

E' a materialisação em forma musical, duma ideia.

A linguagem musical, por causa da sua falta de precisão, é a mais alta, mais pura e mais sincera expressão do pensamento humano; é a que menos materialidade e covenção tem.

Quem consegue pensar por música, como se pensa na lingua materna, augmenta extraordinariamente o circulo das suas ideias.

Nisto está a origem do *leit-motiv*.

E' um retrato musical, a representação em notas duma personagem, dum facto, dum logar, dum elemento, de qualquer impressão.

Estas formas musicaesi primitivas, em que se funda toda a vida musical do drama, reflectem na musica as visões scénicas figuradas na peça; mas não o facto visto, isolado e momentâneo, mas úma concepção fundamental, psychológica ou dramática, que na scena apenas apparece parcialmente ou não chega mesmo a apparecer.

Assim, o *leit-motiv* dá ao espectador a consciencia de que elle não vê; lembra-lhe o passado, prophet-sa lhe o futuro; desenrola, passo a passo, o poema interior do Drama, precisamente quando a poesia é impotente para o fazer; por outro lado, torna a música capaz de representar, duma maneira que lhe é propria, as ideas — nunca os pensamentos — e as figurações poéticas.

O *leit-motiv* wagneriano é sempre curto e simples, facil de reconhecer e de reter. Geralmente apparece pela primeira vez completo, sublinhando a letra, que assim determina a sua verdadeira significação, ou quando a acção scénica caracterisa perfeitamente o seu sentido. Subsequentemente, póde apparecer com todas as modalidades possiveis, tanto no rythmo, como nas minúcias do contorno melódico, tanto na harmonia, como na instrumentação, fraccionado, desnaturado, ennobrecido ou ridiculizado, modificado por todos os processos de contraponto; em qualquer destas formas, produz no ouvinte o mesmo estado d'alma que produziu a primeira vez.

Esta a sua força; em poucas notas, evoca um conjuncto de ideas, como se deante dos olhos passasse uma imagem conhecida.

Os *leit-motivs* onomatopaicos sam raros; no *Annel* apenas encontramos quatro: a ondulação das águas no principio do *Ouro do Rheno*; os rugidos do Dragão; os ruidos da Forja e o galope dos cavallos na Cavalgada das Walkirias.

Sam imagens sonoras que se dirigem directamente ao ouvido.

Outras dirigem-se ao espirito pelo seu caracter, pela idea da coisa que querem representar: o Walhalla é grandioso, solemne; a Espada fulgura, o Fogo crepita.

Mas a maior parte das vezes a forma do *leit-motiv* é mais livre, mais arbitraria; d'ai, as divergencias nos nomes que lhes dam os diversos commentadores. Mas isso pouco importa: o que se lhes deve ligar é uma idea, ou antes, um conjuncto de ideas, uma concepção philosóphica.

Algumas vezes ainda, o *lei-motiv* reveste uma fórma harmónica invariavel; apenas a estructura rythmica e as combinações instrumentaes é que variam; assim sam, entre outros, a Harmonia do Viajante, a Harmonia do *Tarnhelm*, e a Harmonia do Somno eterno.

Sam, pois, tres as cathegorias dos *leit-matives*: rythmicos, melódicos e harmónicos; seja qual fôr a cathegoria a que pertençam, apresentam-se sempre sem que seja necessário esforço de attenção da parte do ouvinte; Wagner salienta-os sempre de maneira a não poderem passar despercebidos. Sam verdadeiros guias, preciosos conductores que explicam e commentam as situações e não deixam que o ouvinte se perca em soppositões erróneas.

Como se vê, tanto sob o ponto de vista melódico como harmónico, sam os *leit-motivs* os mais poderosos materiaes da Symphonia wagneriana.

Lisboa, 22-XII-8.

Triplus

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO». Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

Monumento a Joaquim Antonio d'Aguiar

Transporte . . .	2:970$770
Antonio Nicolau d'Almeida Valle & Comt, (V. N. de Gaya . .	2$500
Alçada & Filho (Covilhã) . . .	5$000
Dr. Joaquim da Silveira (Alcanena)	2$000
José Alves Anastacio (Alcanena).	2$500
Subscripção promovida em Benguella pelo Dr. Balthasar de Aguiam.	10$000
Subscripção promovida em Ambriz por Manuel Gabriel Lopes	6$750
Manuel da Costa (Sobral de Mont' Agraço	1$000
Mario de Mattos Viegas (Lourenço Marques)	1$850
Mario Teixeira Xavier de Sousa Guimarães (L. Marques) . .	2$500
Alfredo Antonio Viveiros (Lourenço Marques)	500
Adelino Pereira (L. Marques. .	1$000
Affonso Costa (L. Marques) . .	1$000
Mannel Pestana (L. Marques) .	2$000
Francisco Cypriano Mendonça (L. Marques)	1$000
Antonio Braz (L. Marques) . .	1$000
Jssé Borges (Lourenço Marques)	1$000
José Facadas Santos (Lourenço Marques) , ...	1$000
Tenente José Maria Freire (Lourenço Marques)	1$000
Tenente Antonino Rosa (Lourenço Marques)	1$000
Alfredo Marques (L. Marques) .	500
José Cyhriano Ferreira (Lourenço Marques)	500
José Joaquim Carneiro (Lourenço Marques)	1$000
Francisco Almeida (L. Marques)	1$000
Samuel Joaquim d'Almeida (Lourenço Marques)	200
Constantino de Lemos (Lourenço Marques)	200
Antonio dos Santos Affonso (Lourenço Marques)	500
Jssé Miguel (L. Marques). . .	1$000
Francisco Martins Jorge (Lourenço Marques)	1$000
Thomaz dos Santos (Algoz) . .	300
João Sequeira Robin (Algoz), .	300
Antonio Machado (Algoz) . . .	200
Antonio Domingos Amaro (Lisboa), ...	200
Transporta . .	3:024$370

O thesoureiro,

M. A. Rodrigues da Silva

«A REVOLTA»

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre.....	300
Estrangeiro.....	600

Pagamento adeantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha...	30 réis
Repetições ..	20 »

ANNUNCIOS

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicação electrolonica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Thelephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALYSES: succo gastrico, fézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

rellas, queima os favaes. E a claridade no alpendre é cada vez mais confortante, milhares de faúlhas sobem pelos ares, na fumarada da lenha humida d'oliveira, que estala e arde em flammasinhas rapidas e alegres. Ella então cede, resolvida a entrar na zona illuminada e a pedir agasalho aos forasteiros que a anteciparam.

Chegára quasi á bocca do telheiro, occulta ainda por traz dum grupo d'arvores, perto do rio—quando de repente esturge um grito largo, começado em surdina, e sacudido depois em phreneticas uivadas com uma expressão de soffrer dilacerante.

Ao primeiro berro, um homem que estava acocorado por deante da fogueira, salta de gope, e fica um instante seccado, á escuta da noite, bebendo os rumores do largo, emquanto desenrola a cinta da cintura. Aquelle berro, a velha conhece-o, é horrivel e terno, angustioso e deliciado, e toda a mulher que o solte, principia esposa e acaba mãe.

Havia pois no alpendre uma parturiente a reclamar os seus cuidados. O desejo da velha era correr, mas do seu canto de sombra a pobre hesita, vendo o homem girar pelo telheiro a passos furiosos, ir, voltar, acachapar-se instantes sobre o vulto que bole lá no fundo do alpendre, em estremeções afflictos: e enfim, jurar, bramar, ordenar-lhe silencio, prometter-lhe pancada, exasperado cada vez mais, por aquella algazarra que póde deitar tudo a perder.

Ha um momento em que elles cuidam ouvir um murmurio de rodas, afastado, talvez uma sege que passa, levando alguem á missa de Natal. Aqui a raiva do homem não conhece limites, e eil-o corre á mulher de punho armado, prestes a dar-lhe, caso prosiga o berreiro escandaloso. Vem com effeito na estrada uma berlinda, com guizadas nas mulas, e vermelhidões de lanternas entre as arvores. E o homem precipita-se, enclavinha os pollegares assassinos sobre a garganta da mulher.

—Calas-te ou morres!

E a sua voz surda, pequena, sacudida, humilde quasi, vem explosindo e crescendo, té bravejar n'um rouquejo de colera exhaustinada — Cala-te, diabo! Cala-te, estafermo!

A mãe, coitada, mal póde estrangular os urros que a expulsão lhe arranca, em dores medonhas, como se trinta mãos brutaes lhe estivessem arrancando as visceras, ligamento a ligamento. Já a berlinda passa, ao trote rapido das quatro mulas hespanholas... um ou outro corvo solta nas faias o seu grasnido estremunhado, e outra vez a paizagem fica muda, entre as brumas e as sombras, o fragor da ribeira, e a uivada dos cães pelos curraes. E' esse o instante da mendiga fazer um passo, abandonando o circulo de sombra, prestes a dar-se, toda cheia de celestes compaixões por essa misera mulher que a desgraça forçou a vir parir numa ruina, sem ao menos ter a aquental-a, como a Virgem, o halito da vacca e da jumenta, e as solicitudes ideaes do carpinteiro.

Mas tudo aquillo é rapido e fugace. Os gritos da mulher tinham cessado: lento e sinistro, o homem voltára a acocorar-se perto da fogueira, com uma expressão de camponio perverso, meia animal, meia humana, onde o brilho dos olhos punha uma sagacidade extraordinaria. Elle despira a jaqueta, tem as mangas da camisola arregaçadas, as mãos sujas de sangue...

— E' rapariga ou rapaz? disse a mulher.

Elle estivera algum tempo a ligar-lhe co'a cinta o ventre dolorido: não retrucou. Dera na torre da Vidigueira a meia noite, e em Villa de Frades logo começou a tocar para a roissa do gallo. O cerraceiro morrera pelos campos, e as cumiadas do céo, azues e vastas, refulgiam d'estrellas e luar. Mas nem por isso a payzagem tinha ficado cristalina. Coisas opacas brotavam dos terrenos, fórmas dormentes, que pareciam vaguear nas ouviellas molles dos farejaes.

Perto, nos choupos, havia gestos d'angustia e imploração: sahiam vózes da agua, preguiçosas e mysticas como threnos, e certas troncagens tinham expressões humanas na noite, que perturbavam de morte o arregaçado.

Outra vez então aquelle homem se ergueu com modos lentos, veio escutar. Os sapos tinham-se afinal calado nos algares, pairavam no socego as azas aphonas dos mochos, dando espiraes de roda ao forno de tijollo. E mau grado o frio, aquella noite de Natal vinha suave, com poucas côres mas delicadas, e cambiantes de céo, que o venta uma apóz outra, transmutava,

— Dá-me a creança, disse a mulher... Quero-lhe dár mama, não me morra de frio a pobresinha!

Elle tinha nas mãos o pequeno ensanguentado, que vagia de frio, conjugando os beicitos n'uma sucção d'instincto, que devera ter feito sorrir d'enternecido um outro pae. E sahiu do telheiro, o pequeno pendente da manapola, o cenho torvo, o ar faccinoroso.

A velha, vendo-o, entendera-lhe os braços do seu canto: e elle vagueou assim por qui, por lem, entre os troncos das faias e os silvados, atascado na lama, mas sem poder estar quieto em par alguma, e como se pela marcha desse vasante ao phrenesi mental que o devorava.

Havia á beira d'agua um pedregulho. Elle deteve-se. Instantaneamente a sua cara envelhecera, leques de rugas radiavam-lhe dos cantos das palpebras, sobre a pelle da testa e da faceira, e a livida bocca, agora secca, supplice quasi, tinha sombras d'angustia ás commissuras, e convulsivos tremores nos beiços desbotados.

Mais uma vez lançou a vista ao de redor, n'nma suspeita atróz de o estarem vendo, e ergueu o braço, com o pequeno seguro pelos pés, como um coelho... Porém a luz do luar incommodava-o.

Tornava para traz, desalentado, furibundo comsigo, e resmungando alto imprecações. Mas veio-lhe de repente uma veneta, e bruscamente, com um resfolegar de bezerro, escavacou o pequeno contra a rocha. A pancada dera na pedra um som de melancia podre, esborrachada em surdina, bassa e turgente. Foi um momento, aquillo, e todas as coisas voltaram ao extasi hibernal de instantes antes.

O homem ainda esteve curvado um pouco de tempo, sobre os atasqueiros glacidos do rio — uma solemnidade pairava ao fundo do espaço — té que afinal sahiu das hervas, com o cadaver suspensos pelos pelos pés, todo sangrento, um cadaversinho d'infante recemnado, roliço e roxo, cuja boquinha ria d'innoceneia, e cuja alma devera estar-se incorporando áquella hora no cortejo d'eleitos, que todos os annos vem, com o menino Deus, refazer na crença dos simples, a suavissima lenda do Natal.

(D' *O Paiz das Uvas*)

AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.ª

R ROZARIA D MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapeus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'ellastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se as senhas do «Bonus Conimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.
Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especialisando os de folhado.
Galantines diversas. Tête d'Achar Paté de Liever e Foie.
Saueisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo systema de Margaride.
Especialidade em **vinhos generosos e licores finos** das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Conducção gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — **Coimbra**

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que affirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrencia, apezar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos Grandes Armazens de Lisboa, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1$350, 2$320, 2$800, 4$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Piugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2$500, a	1$200
Cobertores grandes, em flanella, muito finos, seu valor 1$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapeus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos. etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, **que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato**

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 226

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Escovas para dentes, cabello e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sóes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

N'este estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha espertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE **José Correia Amado**

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — **Coimbra**

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.os 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pellaria estrangeira, e garante ao freguez o calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114